

Ano II, Ed. Esp, Novembro 2008



Revista Transdisciplinar de Gerontologia

Universidade Sênior Contemporânea

Edição Especial

O Amor no Processo de Envelhecimento

FICHA TÉCNICA

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
GERONTOLOGIA
ANO II – EDIÇÃO ESPECIAL
NOVEMBRO DE 2008.

Edição

Universidade Sénior Contemporânea
Departamento de Estudos Sociais

Directores:

Artur Santos
Marta Loureiro
Vítor Fragoso

Conselho editorial/científico:

Angela Escada (Psicóloga Clínica);
Aquiles Martins (Educador Social / Docente
da USC) †
Artur Santos (Jornalista/Director da USC);
Irene Gaeta Arcuri (Psicóloga
Clínica/Docente PUC-SP)
Isabel Almeida (Enfermeira - Centro de
Saúde da Foz);
Jadir Lessa (Psicólogo Existencialista/SAEP
- Brasil)
Marília Alves (Enfermeira/Docente
Universitária).
Marta Loureiro (Jornalista/Directora da
USC);
Ruth Sampaio (Psicóloga / Docente
Universitária, ESE -Porto);
Valéria Gomes (Psicóloga /Docente
Universitária, ISMAI);
Virginia Grünewald (UFSC / NETI -
Universidade Federal de Santa Catarina/
Núcleo de Estudos da Terceira Idade -
Brasil).
Vítor Fragoso (Psicólogo/Docente da USC /
IPNP);

Propriedade: Universidade Sénior
Contemporânea
Todos os direitos reservados

Universidade Sénior Contemporânea: Rua
Nova do Tronco, 504, 4250 Porto. Telfs.
964068452 - 964756736.
Web: <http://usc.no.sapo.pt>
E-Mail: usc@sapo.pt
E-Mail da Revista Transdisciplinar de
Gerontologia: rtg.usc@gmail.com

Índice

Editorial	3
Instruções para autores	4
Apresentação	6
Artigos	
"As (im)possibilidades afetivo-sexuais para a velhice frente ao Novo Milênio" <i>Thiago de Almeida</i>	9
Qual é sua gloriosa idade? O envelhecimento de mulheres iorubás (África Ocidental) à luz do diálogo entre Cristopher Lasch e Lin Yutang <i>Ronilda Iyakemi Ribeiro</i>	19
Fenomenologia do amor: mistura de psicologia, Adélia Prado e religião <i>Marília Ancona-Lopez</i>	25
Amor no processo de Envelhecimento <i>Irene Gaeta Arcuri</i>	34
O Amor, Revelação do Divino no Humano <i>Ivo Storniolo</i>	39
Artigos de Opinião	
O Tempo e o Amor <i>Mônica Guttmann</i>	49
"O Amor no Processo de Envelhecimento": uma reflexão <i>Vítor Fragoso</i>	52

Editorial

Prezados Leitores

É como enorme satisfação que vos apresentamos mais uma Edição da Revista Transdisciplinar de Gerontologia – RTG, trata-se de uma **Edição Especial** subordinada ao tema “**O Amor no Processo de Envelhecimento**” elaborada em parceria com a Professora Doutora Irene Arcuri da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Esta profícua parceria, surgiu de um convite efectuado pela Direcção da RTG à Professora Doutora Irene Arcuri, como forma de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido no âmbito do estudo do envelhecimento humano e como resposta natural a um convite anteriormente efectuado pela mesma (Fevereiro de 2008) ao Dr. Vítor Fragoso (RTG/USC) para participar num Fórum Virtual promovido pelo Portal do Envelhecimento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sobre a temática anteriormente referida.

Esta Edição surgiu com o intuito de ampliar o debate iniciado nesse Fórum do Portal do Envelhecimento, nesse sentido convidamos todos os participantes desse Fórum a participarem nesta edição.

A RTG, congratula-se com a colaboração, empenho e diálogo estabelecido entre todos os “fazedores” deste número.

A RTG, gostaria de deixar presente o seu agradecimento à Professora Doutora Irene Arcuri, pelo seu empenho e dedicação no estabelecimento desta parceria, colaboração sem a qual esta edição não teria sido possível.

Este agradecimento estende-se a todos os restantes colaboradores, a Direcção da RTG agradece o empenho e profissionalismo demonstrado. Bem-haja a todos.

Para terminar não poderíamos deixar de salientar a nossa enorme satisfação em anunciar que Professora Doutora Irene Arcuri passa a integrar o Conselho Científico e Editorial da RTG.

A Direcção,
Artur Santos
Marta Loureiro
Vítor Fragoso.

Instruções para Autores

I-INFORMAÇÕES GERAIS

Directrizes

A Revista Transdisciplinar de Gerontologia da USC propõe-se a publicar artigos que se remetam ao desenvolvimento humano especificamente à Terceira-idade, sejam centrados na pesquisa, nas práticas profissionais ou sejam artigos de reflexão crítica sobre produção transdisciplinar do conhecimento da Psicologia, Sociologia, Medicina, Educação Social, entre outras.

II- ORIENTAÇÕES EDITORIAIS

Os artigos serão submetidos a exame pela Comissão Editorial, que poderá fazer uso de consultores "ad hoc", a seu critério, omitida a identidade dos autores. Estes serão notificados da aceitação ou não dos artigos. Caso sejam necessárias pequenas modificações no texto será solicitado pela Comissão Editorial aos respectivos autores a sua alteração.

O editor reserva-se o direito de efectuar alterações recebidos para adequá-los às normas da revista, respeitando os conteúdos e o estilo do autor. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa de seus artigos.

III- APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Os artigos devem ser enviados à Revista Transdisciplinar de Gerontologia por e-mail: rtg.usc@gmail.com. Deve ser enviado resumo, em Português ou Espanhol contendo até 100 palavras, além de três ou quatro palavras-chave com respectivas "key words". Deve conter o título do trabalho, nome completo do autor, biografia (profissional) e seu respectivo endereço (e-mail). O texto proposto deverá ser enviado em formato Word letra Arial narrow, tamanho 12. O autor pode enviar material de ilustração como sugestão, este deve ser entregue em arquivos separados do texto, no programa em que foram criados (Excel, Corel Draw, PhotoShop etc.);

As contribuições dos autores poderão ser redigidas em duas línguas, **português e/ou espanhol**.

As opiniões e os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

IV- TIPOS DE TEXTO

1. Estudos teóricos/ensaio - análises de temas e questões fundamentadas teoricamente;

2. Relatos de pesquisa - investigações baseadas em dados empíricos, recorrendo a metodologia quantitativa e/ou qualitativa. Neste caso, é necessário conter introdução, metodologia, resultados e discussão;

3. Relatos de experiência - relatos de experiência profissional de interesse para as diferentes práticas

transdisciplinares;

4. Comunicações - relatos breves de pesquisas ou trabalhos apresentados em reuniões científicas/eventos culturais;

5. Ressonâncias - comentários complementares e réplicas a textos publicados em números anteriores da revista.

6. Artigos de opinião – reflexões sobre temas relacionados com a gerontologia (de interesse geral) e suas políticas de actuação.

7. Trabalhos Monográficos análises de temas e questões fundamentadas teoricamente em forma de artigo com base em trabalhos universitários (monografias de curso, entre outros).

8. Reflexões: temas gerais relacionados com o existir humano.

V - REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As referências no texto a outras devem ser indicadas dos seguintes modos: Robinson (1978); (Guilly & Piolat, 1986); (Bronckart, Papandropoulou & Kicher, 1976) ou (Bronckart et al., 1976).

No final do artigo devem ser listadas alfabeticamente as referências bibliográficas (apenas as obras referidas no texto), obedecendo aos seguintes modelos:

Capítulo de um livro - Bronckart, J.-P., Papandropoulou, J., & Kilcher, H (1976). Les Conduites Sémiotiques. In M. Richelle, & R. Droz (Eds.), Introduction à la Psychologie (pp. 286-302). Bruxelles: Dessart.

Artigo de revista científica - Gilly, M., & Piolat, M. (1986). Psicologia da Educação, Estudo da Mudança na Interação Educativa. *Análise Psicológica*, 11 (1), 13-24.

Livros - Carneiro, T. (1983). *Família: Diagnóstico e terapia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Tese de dissertação - McCloy, R. A. (1990). *A New Model of Job Performance: An Integration of Measurement, Prediction, and Theory*. Unpublished doctoral dissertation, University of Minnesota, Minneapolis.

Relatório Técnico - Birney, A. J., & Hall, M. M. (1981). Early identification of children with written language disabilities (relatório Nº 81 - 1502). Washington, DC: National Educational Association.

Trabalho apresentado em congresso, mas não publicado - Haidt, J., Dias, M. G., & Koller, S. (1991). Disgust, disrespect and culture: Moral judgement of victimless violation in the USA and Brazil. Trabalho apresentado no Annual Meeting of the Society for Cross-Cultural Research, Isla Verde, Puerto Rico.

Apresentação

Apresentação da Edição: Amor no processo de Envelhecimento

Irene Gaeta Arcuri¹

*O ramo do amor antecede a eternidade
E suas raízes vão além do eterno.
Essa árvore não se apóia no céu nem na terra
Nem sobre qualquer coluna.*

*Enquanto sentires desejo,
Sabe que cultuas um ídolo.
Quando se é verdadeiramente amado,
Cessa de vez o espaço para as carências do mundo.*
Rumi



Por que amamos? Para que amamos? Como podemos amar? Desde sempre estas perguntas caminham conosco e nos remetem às profundidades da longa jornada da criatividade no interior de nós mesmos. Não há privilégio ou limitação em qualquer que seja a idade as questões que dizem respeito ao relacionamento amoroso, mas a qualquer tempo surge a possibilidade de uma essencial escolha individual: a possibilidade do desenvolvimento do amor, de sua transformação, de um caminhar humano junto com ele. Nas fases iniciais da vida somos geralmente orientados à estruturação egóica de forma

¹ Psicóloga clínica de orientação junguiana (atende adolescentes, adultos e idosos), arteterapeuta, doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Mestre em Gerontologia. Especialista pela USP – praxis artísticas interfaces com a saúde. Docente, coordenadora, do curso de Gerontologia da UNIP – SP - Brasil

incisiva, e, por vezes, a consolidação da *persona* (relacionamento com o mundo exterior) pode obscurecer estas livres escolhas que nos aproximariam do verdadeiro amor. Não que este não seja possível nesta fase da vida, mas, aparentemente, a liberdade pode ser um pouco menor. Já na segunda metade da vida, ou naquilo que eventualmente se chama preconceituosamente de velhice, temos a possibilidade de integrar e desenvolver nossa capacidade amorosa.

Mas o fato é que, independentemente da fase, o amor sempre será uma construção do humano. O relacionamento amoroso é uma construção literalmente, pedra sobre pedra, de uma casa humana interior.

Por isto, nesta edição especial da revista “Revista Transdisciplinar de Gerontologia (RTG)”, convidamos alguns estudiosos para dialogar sobre este tema tão fundamental em nossas vidas.

Quando estamos centados no ego, construindo-o, necessitamos acreditar que somente nossa própria consciência é real; e, embora isto seja mesmo necessário, faz inevitavelmente com que os outros e o mundo apenas existam como uma relação de nós mesmos, a partir de nós mesmos. Nessa medida, só podemos amar a partir de uma relação hierárquica, o que, no entanto, acaba identificando outros sentimentos e complexos com o amor, tais como o sexual e o de poder, e isto fatalmente conduz ao isolamento: amor que não é amor.

Mas a natureza humana é sábia e o desconforto geralmente se instala. Assim, começamos a nos perguntar: por que nos sentimos sós? Por que não nos sentimos amados? Por que, de fato, não nos sentimos aptos a nutrir amor incondicional por outra pessoa?

Não temos a pretensão de oferecer uma receita. Mas sim de oferecer elementos para reflexão. De acordo com Krishnamurti: “A verdade é uma terra sem caminhos.”

O sentimento é uma das condições humanas mais impactantes, pois norteia as relações interpessoais assim como as relações entre o homem e o mundo, possibilitando ou impedindo interlocuções saudáveis. Jung, considera a afetividade como uma função psíquica distinta, norteadora de toda a ação humana. De acordo com Pieri, “o ser humano faz sempre apenas o que quer e o faz necessariamente; isto se deve ao fato de ele já ser o que ele quer, pois daquilo que ele é segue necessariamente tudo o que faz a cada instante. Mesmo admitindo que muitas decisões da vontade são intermediadas ou ponderadas pelo intelecto, não devemos esquecer que todo elo de uma cadeia de idéias tem determinado valor sentimental, que é a única coisa essencial para chegar à decisão da vontade, e sem este valor sentimental, como fenômeno parcial, está por baixo das mudanças do todo (...). Resulta então que mesmo o processo intelectual mais puro só chega, portanto, à decisão da vontade através do valor sentimental. Por isso o primeiro motivo de qualquer ação anormal, supondo que o intelecto esteja relativamente preservado, deveria ser procurado no campo do sentimento (2002: 20).

Jung afirma que “a psicologia é a única ciência que precisa levar em conta o fator valor (isto é, sentimento), pois é ele o elemento de ligação entre as ocorrências físicas e a vida. Por isso acusam-na tanto de não ser científica; seus críticos não compreenderam a necessidade prática e científica de se dar ao sentimento a devida atenção” (2002: 99).

Um dos grandes desafios da velhice é a perda do sentido de ser que ocorre quando por fatores sociais, culturais ou familiares, o indivíduo perde sua fluidez, sua mutabilidade, sua liberdade. E resgatar o modo próprio e singular de ser no mundo: habitar o mundo de forma prazerosa e confortável implica num bom intercâmbio de afetividade.

A afetividade, no âmbito da constituição psíquica, é descrita como estrutura elementar presente desde o nascimento do indivíduo, que preside o pensamento e a ação, o intelecto e a vontade. Neste sentido, o idoso pode ir em busca de sua identidade apoiado em seu próprio mundo interno.

No fenômeno afetivo estaria inerente a possibilidade de uma transformação no nível de adaptação ao mundo, alcançado pelo indivíduo, ou mesmo de uma melhora na relação com o mundo. O sentimento é considerado uma das formas que mais facilita o acesso do inconsciente ao consciente.

Dado que entre sentimento e consciência subsiste uma relação de circularidade, Jung convida a considerar as possibilidades que podem surgir exatamente na presença dessas manifestações. “Uma vez que momentos de afeto mostram involuntariamente as verdades do outro lado, é aconselhável aproveitar esses momentos para que tal aspecto tenha a ocasião de expressar-se. Por isso o indivíduo deveria cultivar a arte de falar consigo mesmo numa situação de afeto e em seus marcos, como se o próprio afeto falasse, sem levar em conta a crítica razoável.”

Qual a fórmula mágica capaz de oferecer ao homem que envelhece o seu “estar no mundo” de forma confortável, garantindo um bom intercâmbio em suas relações interpessoais?

Desenvolvendo o mundo interno com amorosidade. Eros^[1] precisa do esclarecimento de uma consciência evoluída, a fim de atingir sua meta específica que é a consciência (Jung apud Sanford, 1986). Em última análise, o Eros é um grande mistério, pois a consciência só pode ser alcançada pelo amor. Jamais os valores da alma se realizam mediante a repressão dos sentidos, porque, com frequência, atinge-se o espírito através dos sentidos e por vezes do desenvolvimento espiritual. Procurando evitar o conflito dos opostos (aspectos racionais e emocionais) do ser pela negação de um lado da vida (o afetivo) prejudica-se o espírito, privando-o da plenitude e inteireza.

A magia pode estar na capacidade de saber o que se está sentindo e, mais que isto, a capacidade de expressá-lo no relacionamento.

Referências Bibliográficas:

- JUNG, C. G. A Psicologia dos Processos Inconscientes. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
JUNG, C. G. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
SANFORD, J.A. Os parceiros invisíveis: O masculino e o feminino dentro de cada um de nós. São Paulo: Paulinas, 1986.
PIERI, P.F. Dicionário Junguiano. São Paulo: Paulus, 2002.

[1] Eros é a representação do amor no homem; é a função de relacionamento ligada à afetividade, em oposição ao termo “Logos” (Animus). “Eros” e “Logos” são termos que Jung utiliza para designar os aspectos que possibilitam o relacionamento interno e externo. “Logos” se refere ao aspecto racional, lógico, portanto muitas vezes frio e rígido presente nos idosos que não desenvolveram o amor (Eros), cf. nota da autora.

Artigos

"As (im)possibilidades afetivo-sexuais para a velhice frente ao Novo Milênio"¹

Thiago de Almeida²

Resumo

Se anteriormente, considerava-se o idoso como alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que espera o momento fatídico para sair da cena do mundo, atualmente o envelhecimento está sendo melhor compreendido enquanto um processo natural da vida humana, que traz implícito uma série de transformações biopsicossociais, que modificam a relação do homem com o meio no qual está inserido. E um dos assuntos que está presente em todos os momentos do ser humano e que não poderia se ausentar no idoso é primeiramente a questão da afetividade e posteriormente a sexualidade, não somente enquanto possibilidades, mas também enquanto um conjunto de realizações para este segmento da sociedade que está ocupando cada vez mais uma maior representação, ao menos numérica, devido às diversas melhorias das condições de vida que a sociedade conquistou. Contudo, nossa sociedade está evoluída a tal ponto para compreender as manifestações afetivo-sexuais dos idosos ao invés de coibir o exercício sadio dessas práticas?

Palavras-chave: envelhecimento; amor; relacionamentos amorosos

¹ Agradeço imensamente a bibliotecária Maria Luiza Lourenço pela cuidadosa leitura do texto, por suas opiniões expressadas no mesmo e pela correção das referências bibliográficas segundo as normas da ABNT.

² Psicólogo pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e doutorando e pesquisador pelo Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Especializado em relacionamentos amorosos e ciúme, actua também como palestrante em assuntos relacionados ao amor, relacionamentos amorosos e qualidade de vida em ambientes laborais e acadêmicos. Home Page: www.thiagodealmeida.com.br E-mail de contato com o autor: thalmeida@usp.br

“O amor – vede se é maior este – o amor essencialmente é união, e quanto mais une ou procura unir os que se amam, tanto maiores efeitos tem, e tanto maiores afetos mostra de amor. Estar conosco é assistência de fora, estar em nós é presença íntima; estar conosco é estar perto, estar em nós é estar dentro; estar conosco é companhia, estar em nós é identidade.”
(Pe. Antônio Vieira)

Terceiro Milênio: como tantas fronteiras, também as que separam as gerações estão sendo gradativamente eliminadas. O ciclo de vida organizado em etapas sucessivas parece não fazer mais sentido, ou, pelo menos, faz-se necessária uma nova classificação (ALMEIDA & Madeira, no prelo).

Até muito pouco tempo atrás a velhice não se constituía enquanto um objeto de preocupação social. Considerava-se o idoso como alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e espera o momento fatídico para sair da cena do mundo (BIRMAN, 1995). Esta visão atrapalha o engajamento ativo do idoso nos processos afetivo-sexuais.

Anteriormente, os idosos eram tratados com atitudes filantrópicas e benevolentes com o intuito de ocultar os verdadeiros valores negativos arraigados nestas atitudes que a sociedade que se modernizava lhes impunha. Atualmente, o panorama de uma genuína preocupação evoluiu um pouco de tal forma que o envelhecimento está sendo mais bem compreendido enquanto um processo natural da vida humana, que traz implícito uma série de transformações biopsicossociais, que modificam a relação do homem como meio no qual está inserido. Dessa forma, o processo de envelhecimento, segundo Dantas et al (2005) é muito pessoal, constitui uma etapa da vida com realidades próprias e diferenciadas das anteriores, limitadas unicamente por condições objetivas e subjetivas.

Se a questão da afetividade e da sexualidade está presente em todos os momentos da vida, não será no processo do envelhecimento que estaria ausente. Contudo, percebe-se que ao investigarmos o processo de envelhecimento, que o conhecimento atual aquilatado a respeito do mesmo, em relação a alguns temas como o estudo do amor e da sexualidade, carece de identidade, e é constituído por elementos de discursos teóricos e ideológicos fundamentados em legados herdados ultrapassados, muitas vezes, oriundos das ciências sociais e da medicina (NERI 1993). E quando nos referimos à sexualidade, não estamos nos remetendo a sexo, mas ao produto final de um longo e natural processo de desenvolvimento que começa no nascimento e envolve tudo o que somos, as nossas atitudes, como lidamos com as questões que nos circundam e como isso nos abala em uma relação afetiva interpessoal. O que a psicologia concebe por sexualidade não é, em absoluto, idêntica à união sexual entre um homem e uma mulher ou mesmo, teria o sentido exclusivo de sensações prazerosas produzidas/comunicadas pelos nossos órgãos genitais. Sexualidade é muito mais do que o intercurso do penis à vagina culminando com o orgasmo masculino ou feminino. Tampouco sexo é uma sinonímia de gênero, pois estes dois conceitos foram inseridos na literatura científica em épocas distintas e abrangendo aspectos diferenciados da vida humana. Enquanto as diferenças entre os sexos são estabelecidas pelo aspecto físico, as diferenças de gênero são explicadas e entendidas como socialmente construídas.

O conceito gênero foi introduzido, no discurso teórico, na década de 1970, por meio das pesquisas da antropologia. Desde então, diversos autores aprofundaram o tema e atualmente, em Psicologia Social,

qualquer estudo sobre diferenças ou semelhanças entre homem e mulher precisa ser evocado sob o prisma de gênero (STREY, 1999).

Em suma, atualmente podemos considerar a palavra gênero despojada da biologia e integrada à rede sociocultural, representando a expressão cultural da diferença sexual. Logo, um produto social, que é aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo de gerações, tal como nos aponta Sorj (1992).

Certamente que a sexualidade e a afetividade perpassam todas as questões do envelhecer, na medida em que são a essência de nossa atividade enquanto seres humanos. Entretanto, sabemos que sexualidade nunca pode estar desvinculada do corpo; nem do desejo inconsciente, esse componente aparentemente estranho que habita e age em nosso interior e do qual nunca estamos descomprometidos; e nem das consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos (COSTA, 1992).

Segundo Neri (1993):

“Vários elementos são apontados como determinantes ou indicadores de bem-estar na velhice: longevidade; saúde biológica; saúde mental; satisfação; controle cognitivo; competência social; produtividade; atividade; eficácia cognitiva; status social; renda; continuidade de papéis familiares e ocupacionais, e continuidade de relações informais em grupos primários (principalmente rede de amigos).” (p. 10).

Se além desses elementos acima, ainda a maturidade trazer o afeto, a paixão, o namoro, o amor, o sexo, a cumplicidade, o companheirismo, dentre outros, o idoso pode estar certo que, poderá ter uma satisfatória vida afetiva onde as possibilidades de relacionamento amoroso nesta etapa da vida, apesar de algumas vezes serem difíceis, são mais viáveis do que muitas pessoas imaginam (ALMEIDA & LOURENÇO, 2007). Dessa forma, se o idoso permitir-se tais vivências pode-se supor que ele terá um envelhecimento positivo, ao contrário, daqueles que somente darão vazão a um saudosismo passivo, ou ainda, a quaisquer outras posicionamentos imobilizadores e negativos. Assim, existem várias possibilidades de envelhecer afetivo-sexualmente, desde as possibilidades mais negativas, que se distanciaram de qualquer tipo de investimento desta natureza, às mais positivas, que se mantiveram articuladas ao processo de desenvolvimento biopsicossocial no qual o afetivo-sexual comporta uma de suas principais dimensões. Contudo, infelizmente o que tem predominado é o aspecto negativo, velho como algo inútil, deteriorado, obsoleto, assexuado.

Então, pode-se conceber o amor e a sexualidade, simultaneamente, como alguns dos principais elementos da interação humana e, também, como uma das principais diretrizes na estruturação das relações íntimas (ALFERES, 1996; DENARI, 1996; ALMEIDA, 2003) ainda que para diferentes populações. Dessa forma, o amor e os relacionamentos afetivos sexuais estão se tornando cada vez mais uma condição indispensável para uma vida satisfatória e plenamente realizada, ao menos na concepção dos que o buscam (ALMEIDA, 2008a). E expresso de maneiras diferenciadas, o amor é sumamente importante para o desenvolvimento da personalidade e crescimento da humanidade. Entretanto, tendo em vista que a sociedade muitas vezes mina as expectativas de alguns segmentos sociais, como por exemplo, os idosos que querem firmar um relacionamento amoroso, estas atitudes podem causar uma paralisia nas motivações, ao menos momentânea, além de conflitos desnecessários para as pessoas por elas prejudicadas (ALMEIDA, 2008b).

O que se percebe, então, é que a escassez de informações sobre o processo de envelhecimento, assim como das mudanças na sexualidade em diferentes faixas etárias e

especialmentena velhice, tem auxiliado a manutenção de preconceitos ¹e , conseqüentemente, trouxe muitas estagnações das atividades sexuais das pessoas com mais idade (RISMAN, 2005).

E hoje em dia há até um maior espaço para discussões que abarquem a sexualidade. Entretanto, apesar da abertura social que há para discussão de assuntos desse âmbito à maioria da população ainda apresenta-se constrangida para discutir tais assuntos, principalmente quando questões relacionadas à sexualidade na terceira idade se apresentam (SANTOS, 2003). Dessa forma, uma má compreensão da sexualidade e de legítimas manifestações amorosas na Terceira Idade, talvez, leve a dificuldades desnecessárias de superação para tais problemas, de forma tal, que um esclarecimento acerca das informações distorcidas que se difundem em relação à sexualidade e ao amor possa contribuir para a diminuição das crenças e tabus sobre um assunto tão cheio de preconceitos.

Logo, a sexualidade na velhice é um tema comumente negligenciado pelas diversas áreas da saúde, pouco conhecido e tão pouco compreendido pela sociedade, pelos próprios idosos e pelos profissionais da saúde (STEINKE, 1997). Ao contrário do que se pode pensar, a velhice é uma idade tão frutífera como qualquer outra no que se refere à vivência do amor e a questão da prática da sexualidade. Infelizmente, existem muitos mitos que dificultam a compreensão de como a vivência do amor e da sexualidade que estão relacionadas com pessoas de idade avançada.

O amor é um conceito que possui uma extensa cadeia de significados e interpretações distintas. Muito longe de ser meramente um impulso gregário, amar é ir ao encontro de alguém e permitir a vinda deste ao encontro de quem o busca (ALMEIDA, 2003). O amor é um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos relacionados, muitas vezes, à felicidade para o ser humano (ALMEIDA 2007 a e b). Desta maneira, amar alguém, e conseqüentemente expressar sua sexualidade e erotismo e talvez consolidar um relacionamento amoroso, em primeira análise, significa reconhecer uma pessoa como fonte real, ou ainda, potencial para a própria felicidade (ALMEIDA, 2008a).

Segundo Vasconcellos et al (2004):

“Acuados entre as múltiplas exigências adaptativas que as alterações do envelhecimento comportam, os indivíduos enfrentam dificuldades para preservar a identidade pessoal e a integridade de alguns papéis e funções, sobretudo aqueles relativos à sexualidade que a sociedade atentamente vigia e sanciona” (p. 414).

Com uma visão restrita, tanto em relação à sexualidade quanto à velhice, a sociedade, muitas vezes, classifica este período da vida como um período de assexualidade e até mesmo de androginia. Beauvoir nos mostra (1990) que “a atitude dos idosos depende de sua opinião geral com relação à velhice” (p. 350). Dessa forma, neste período, o indivíduo teria que unicamente assumir o papel de avô, ou ainda, de avó, ao lhe ser delegado pelos filhos o cuidado de seus netos, na expectativa de que os monitorem enquanto concomitantemente realiza atividades como o tricô e assiste à televisão e usufrui de sua aposentadoria (RISMAN, 2005). E assim, Beauvoir (1990) aponta que o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele.

¹ Chamamos de "Viejismo" as atitudes negativas que a sociedade estabelece em relação aos idosos, significando rejeição, marginalização, medo, agressão e discriminação. Ocorre com certa frequência e relaciona-se às identificações que fazemos com os nossos idosos desde a infância.

Dessa forma, a falsa crença que relaciona inexoravelmente a idade e o declinar da atividade sexual têm contribuído de forma nefasta para que não se preste atenção suficiente a uma das atividades que mais contribuem para a qualidade de vida nos idosos, como é a sexualidade. Tanto o idoso bem como as pessoas que estão a caminho do envelhecimento podem e devem ser auxiliadas por meio de algumas providências preventivas capazes de melhorar sua saúde, qualidade de vida e também afetividade. A falácia de que a velhice é uma etapa assexuada da vida é um desses pré-conceitos e exerce influência profundamente na auto-estima, na autoconfiança, no rendimento físico e social de adultos com mais idade, além de contradizer a eterna capacidade de amar do homem.

Para algumas pessoas, com a progressão da idade, há uma simultânea anulação do desejo sexual, sobretudo a partir do desvínculo laboral, enquanto, para outras, há apenas uma modificação, entretanto, de modo geral, o que se evidencia é que para uns e outros é uma constante e cômoda negação do desejo do idoso pela sociedade. As mudanças ocasionadas pela Terceira Idade produzem perturbações no equilíbrio desses indivíduos e requerem adaptações significativas, pois, o surgimento de novas situações e experiências marcam indelevelmente a vida do idoso, trazendo sentimentos como a desvalorização. Muitas vezes a sociedade contribui para que o idoso tenha este sentimento, pois, os idosos sempre foram imaginados como aqueles que estão se despedindo da vida: aposentou-se do seu trabalho, de sua função, aposentou-se da vida (CARDOSO, 2008). Com essa negação, a sociedade sedimenta e reproduz seus próprios medos e inseguranças, suas preocupações no que diz respeito ao próprio futuro e sua possível incapacidade para amar na medida em que envelhecem. Adicionalmente, pode-se referir a despeito desta negação dos afetos que é suscitada pela cultura e desenvolvida pelas pessoas como uma forma de defesa psíquica frente ao sofrimento gerado pelo fato dos mesmos serem considerados como desestabilizadores sociais, e conseqüentemente, como uma ameaça constante, e que, dessa forma, ameaçariam a coesão social no que concerne a moral e aos bons costumes.

Outros fatores que também são partícipes para que as pessoas com o passar do tempo tenham um arrefecimento, ou ainda, anulação do desejo afetivo-relacional e da atividade sexual, diz respeito a fatores religiosos, psicossociais e morais. A sociedade ocidental, geralmente, educada a partir dos muitos paradigmas judaico-cristãos, tem no fator “pecado” uma grande causa de anulação e arrefecimento para os seus desejos e práticas afetivo-sexuais. Derivado dessa relação, as maneiras pelas quais as pessoas foram educadas, as repressões vivenciadas pelas mesmas ao longo de seu histórico de vida, os apelos infligidos pela família e pela sociedade, contribuem para gerar pessoas medrosas, inseguras de seus próprios desejos e atitudes, sobretudo, no que diz respeito ao domínio afetivo-sexual. Isso gera um círculo vicioso de pais que geram esses padrões morais, éticos e religiosos aos seus descendentes, e assim, sucessivamente, o que torna as pessoas com um pensamento cada vez mais homogêneo, se não reconhecerem e não rejeitarem certos legados culturais. (ALMEIDA & LOURENÇO, no prelo)

Outro aspecto relevante, diz respeito a haver certas dificuldades e a diminuição da freqüência nas relações sexuais entre parceiros na terceira idade, mas, deve-se levar em conta que existe também maior qualidade nessas relações. É inegável a existência de patologias que, ainda que de forma secundária, possam prejudicar o desempenho e, por vezes, tornarem-se inibidoras, de um otimizar as práticas sexuais das pessoas em idade avançada, como as patologias respiratórias (que podem comprometer a energia canalizada para o exercício das práticas sexuais), as complicações osteo-articulares e as neoplásicas (que podem comprometer a mobilizar por causarem dor), entre outras. No entanto, tornar as referidas desvantagens sinônimo de incapacidade, perdas permanentes ou impossibilidades irrestritas é, para além

de uma veleidade, impor limitações desnecessárias, imprecisas, traumatizantes e prejudiciais aos seus acometidos.

O sexo na Terceira Idade ainda está envolto em preconceitos, delírios de grandeza, complexos e frustrações, contudo a Terceira Idade não é necessariamente uma barreira para uma vida sexual ativa, onde a assexualidade marca presença, dado o ostracismo social pelo qual muitas vezes os idosos são influenciados. Homens e mulheres devem estar conscientes das mudanças que estão ocorrendo em seu corpo, e os parceiros devem investir mais em carícias, toques, beijos e carinhos durante todo o dia e não só na hora do ato sexual (CARDOSO, 2008). Às vezes, é necessário que se busque ajuda de caráter psicoterápico (psicoterapia individual, de casais, etc), ou ainda, a prescrição de uma intervenção medicamentosa para que esses consigam realizar seus desejos latentes, para perderem o medo, a insegurança, e assim, assumirem perante a sociedade o direito que têm de exercer uma vida plena de seus direitos e de qualidade de vida.

A caminho de soluções

A velhice assexuada é um mito. O amor e a sexualidade são vivências que não precisam se sujeitar à corrosão física do envelhecimento humanos. Para isso os idosos podem adotar algumas estratégias de enfrentamento para otimizarem este período da vida no qual estão inseridos.

Os problemas decorrentes do próprio desgaste do organismo, doenças, problemas familiares, financeiros, dentre outros, podem causar dificuldades sexuais na velhice e o idoso tem que estar ciente das modificações orgânicas que seu organismo sofrerá, mas, também não deverá se preocupar. Atualmente, as pessoas podem recorrer a intervenções medicamentosas, ou ainda, tratamentos terapêuticos, dietas, exercícios para resolver esses impasses. Dessa forma, a vida sexual de um casal na terceira idade pode ser plena e feliz e eles poderão encarar a velhice e o ato sexual com a mesma tranquilidade com que viveram na juventude e ainda mantendo vivo o desejo, mesmo após, seis, sete ou oito décadas de vida, se isso for importante na vida da pessoa. Muitos idosos, infelizmente, deixam de ter relações sexuais com suas parceiras, por medo, vergonha (dentre outras possibilidades), acreditando-se impotentes. Segundo Vasconcellos et al (2004, p. 414), "Com sua auto-estima baixa, ficam receosos de não conseguir uma ereção e acabam evitando ter relações para não serem confrontados com a frustração."

Atualmente, muitos remédios como, por exemplo, o Citrato de Sildenafil (popularmente conhecido como Viagra) utilizado pelos homens e a terapia de reposição hormonal para as mulheres são poderosos coadjuvantes nas relações dos casais na Terceira Idade, que querem continuar vivenciando sua relação afetivo-sexual (REIS, 2000). Contudo, é importante destacar que a motivação para o sexo depende mais da saúde mental, da disposição para o mesmo e da qualidade de vida dos componentes da relação, que da própria musculatura enrijecida (Viscardi citado por Reis, 2000).

Os exercícios de contato e de acariciamento, entre os parceiros estimulam a função sexual despertando este instinto reprimido pela cultura, e reforçando a identidade sexual do casal. Encontrar posições confortáveis para evitar se deparar com problemas como artrites dentre outras; escolher os melhores dias e horários para ambos os parceiros para efetuarem as atividades afetivo-sexuais, por exemplo, para aqueles casais que têm problemas com a falta de privacidade por terem ido morar com os filhos, são alguns exemplos que podem ser seguidos por pessoas idosas para conseguirem se relacionar sexualmente. Também se aconselha a aceitar as limitações e aproveitar otimizando das funções que ainda permanecem. Quando o intercuro não é possível explorar outras práticas (beijos, carícias, pois somos

cheios de zonas erógenas, estimulações manuais, fantasias sexuais, massagens). Dessa forma, a outra pessoa torna-se um bom pretexto, pelo qual damos a nós mesmos a permissão para sentir amor. É com essa vazão da perspectiva-vida que poderemos ir transformando os preconceitos que se acumularam sobre a velhice e conferindo o sentido e o valor do processo de Individuação até o final da vida. De forma similar, é conseguir lidar como o que recebe do outro, de uma maneira mais inclusiva, trazendo para dentro e para perto, sem tantos preconceitos nem rejeições a priori.

Pessoas muito rígidas, com preconceitos e valores muito determinados antes do contato com as situações reais da vida, estão mais sujeitas a não refletir sobre suas vivências nem transpor o que têm como regras de vida, e acabam amadurecendo com mais dificuldade. Estas pressupõem e concluem antes de uma ampliação de visão. Acabam conhecendo menos do mundo e, por conseguinte, provavelmente não se desenvolvem emocionalmente.

E para onde vão os sessentões que querem paquerar? Acompanhando a lógica de que desapareceram os limites entre as idades, desapareceram também limites geográficos entre as gerações. Os sessentões podem ir a todo lugar. Há, é verdade, muitos lugares em que determinadas “tribos” se reúnem e qualquer estranho é malvisto. Mas o velho não está mais restrito ao território doméstico, onde esteve, em décadas passadas. Tem poder aquisitivo melhor, agora que não tem mais filhos para sustentar (apesar do fenômeno também característico deste momento histórico, no contexto brasileiro, em que se dá a permanência dos filhos até mais tarde em casa dos pais) e circula por onde quiser. Não chama mais atenção em lugar nenhum: na universidade, em casas noturnas, fazendo esporte, em espetáculos de música erudita ou popular. Em qualquer dessas situações é possível paquerar, usando qualquer das mensagens verbais ou não verbais já exploradas em outros textos. Em muitos lugares, as pessoas estarão abertamente para ver e serem vistas, paquerar e serem paqueradas. Já em outros lugares, será exigido maior habilidade na aproximação, é necessário maior tato, maior poder de sedução.

O ambiente de trabalho ainda é o lugar onde muito freqüentemente as pessoas relatam terem iniciado uma relação. Só que há muitos sessentões aposentados. Mais sessentões do que sessentões, já que elas têm direito à aposentadoria mais cedo. Além de que, grupos de amigos de trabalho, saem bastante no final do expediente e isso facilita a paquera e futuras relações.

Existe outro território da paquera que também está sendo ocupado pelo idoso: a rede *internet*. Como o anonimato deste meio protege os jovens, protege também os velhos que não dominam ainda os códigos e a arte da paquera. Este espaço permite ainda em razão do anonimato uma aproximação mais direta que não seria viável em outra circunstância sem risco. Que risco? Especialmente o risco do ridículo, de dar vexame, de “pagar mico”, que toda a pessoa teme ao ver-se exposta a situações que não domina. Todos sabem que o melhor momento para aprender qualquer linguagem é quando somos ainda muito jovens... O mesmo vale para a linguagem da paquera! Por outro lado, os cientistas dizem que nunca é tarde para aprender, e que fazendo coisas novas as pessoas estarão exercitando e preservando seus cérebros por muito mais tempo.

Ninguém pode negar a importância de alguns fatores como o amor e a vivência da sexualidade na vida do homem e se considera que estes são alguns dos principais construtos que colaboram para a questão da qualidade de vida. Dessa forma, é necessário que as pessoas e aqui, especificamente os idosos, sintam-se produtivos, que tenham auto-estima valorizada, que façam amigos, viagens, passeios, que vivam bem com a família, que conheçam novas pessoas, que amem e sejam amados.

Segundo alguns autores, para uma pessoa enamorar-se de outra, deve-se levar em consideração, que, ela deve estar predisposta e disponível para tal (Almeida, 2003; Biddulph; 2003). E isto não se reduz a simplesmente estar atraído(a) por um(a) parceiro(a). Isto quer dizer que a pessoa deve ter uma disponibilidade, não só física, mas uma disponibilidade psíquica para ir e vir ao encontro do outro. Idosos que querem ser sedutores devem cuidar de nossa auto-imagem. Além do mais, parece evidente que uma pessoa que consegue vivenciar diversas situações bem sucedidas de cortejamento, independentemente do fator idade, passa a ser favorecida em sua auto-estima e, como consequência, ocorre um aumento na probabilidade de seleção de um parceiro que venha de encontro às suas expectativas e necessidades amorosas. Se não estamos satisfeitos conosco, encontraremos muitas dificuldades na arte da conquista afetivo-sexual. De acordo com Shinyashiki & Dumê: “apenas a decisão racional de querer encontrar alguém não é suficiente para possibilitar o encontro” (Shinyashiki; Dumê, 2002, p. 166). Ainda os autores referem que na “realidade, quem não encontra alguém é porque, internamente, não está predisposto a amar. Não está disponível para envolver-se e, erroneamente, pensa que está querendo compartilhar o amor” (Shinyashiki; Dumê, 2002, p. 166). E nisto consiste uma das principais raízes do fenômeno amoroso: estar disponível para ir ao encontro do outro (Almeida, 2004).

A natureza da auto-imagem, conceito fundamental para auto-estima, reside no conhecimento individual de si mesmo e no desenvolvimento das próprias potencialidades, na percepção dos sentimentos, atitudes e idéias que se referem à dinâmica pessoal. Entretanto, a auto-estima não é estática, e apresenta altos e baixos, se revela nos acontecimentos psíquicos e fisiológicos, e emite sinais em que podemos detectar seu grau. Considera-se que a auto-estima é um dos principais construtos da personalidade humana. Diferente de auto-conceito, que se refere à noção ou idéia que faço de mim; e de auto-imagem que diz respeito à como a própria pessoa se vê.

A auto-estima é o conjunto de atitudes que cada pessoa tem a respeito de si mesma. Este autor também acrescenta que auto-estima é a percepção avaliativa sobre si próprio. É um estado, um modo de ser no qual participa a própria pessoa, com idéias que podem ser positivas ou negativas a seu próprio respeito. O ponto nodal de tantos problemas relacionados à busca desenfreada por uma busca pela perfeição da aparência é que não existe o amor próprio. Como as pessoas com uma rebaixada auto-estima sentem necessidade de ser aceitas, valorizadas, freqüentemente, estarão obcecadas com a aparência, buscando no outro a aprovação que elas mesmas não se dão, evitando assim não se sentirem atraentes, como geralmente os idosos costumam se conceber. Em se tratando de contextos amorosos para saber seduzir é essencial saber identificar as próprias características (físicas e psicológicas) e usá-las para motivar o objeto de desejo de seus pretendentes.

O apoio da família e dos amigos também é fundamental para ajudar os idosos a fim de não se sentirem discriminados. A valorização da pessoa como ser humano, pertencente a uma sociedade atuante, faz com que as pessoas não sofram e demorem a sentirem-se acabadas, relegadas a uma função social inferior.

Ninguém, em seu perfeito juízo, negaria ao idoso todos os direitos e oportunidades que a vida lhe confere: comer, dormir, divertir-se, trabalhar, enfim, exercer plena e conscientemente a vida que pulsa. Por que lhes negar o direito ao amor e vivência de suas sexualidades? Se isso fosse normal, certamente esses desejos legítimos e saudáveis se arrefeceriam com o passar do tempo. Se os desejos não arrefecem, com o passar dos anos, um dos motivos é porque a sábia natureza reconhece sua validade. E, pelo que constatamos a libido não tem mesmo idade. Ela pede e grita no velho como pedia e gritava no

jovem que ele foi. Logo, como aceitar uma restrição que lhe é exterior? Como ceder à pressão e se enclausurar, renunciar a viver esse lado e direito exultante do eu?

Em suma, a sociedade pode e deve ajudar as pessoas de maior idade a serem pessoas realizadas e felizes, a terem ainda uma longa jornada a ser percorrida (a expectativa de vida aumenta cada vez mais no mundo). A chamada Terceira Idade, tem todo o direito de serem pessoas felizes, realizadas, com qualidade de vida e que ainda podem continuar exercendo seu poder de sedução nos relacionamentos afetivo-sexuais, sendo esses de vários anos com a mesma pessoa ou com várias pessoas ao longo da vida.

Referências Bibliográficas

- ALFERES, V. R. Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. *Psicologia social*. 2. ed, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996. p. 113 -139. cap. 5.
- ALMEIDA, T. *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente*: Possíveis razões. 2003. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Psicologia, UFSCar, São Carlos, SP, 2003.
- ALMEIDA, T. A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. Fortaleza, *Revista de Psicologia*, v. 22, p. 15-22, 2004.
- ALMEIDA, T. Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. *Pensando Famílias*, v. 11, p. 49-56, 2007a.
- ALMEIDA, T. Ciúme romântico e infidelidade amorosa: incidências e relações entre paulistanos. 2007b. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2007. Acesso em 29 de abril de 2008. Disponível no site: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-06032007-173046/>
- ALMEIDA, T. O percurso do amor romântico e do casamento através das eras. *Psicopedagogia Online*, 2008. Acesso em 28 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1041>
- ALMEIDA, T. *Envelhecimento, erotismo e relacionamentos amorosos na velhice*, 2008b. Acesso em 25 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/aptv31.htm>, 2008.
- ALMEIDA, T. & Madeira, D. A paquera na Terceira Idade. In _____. *Técnicas de paquera*. São Paulo: Letras do Brasil. (no prelo).
- ALMEIDA, T. & LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 10, p. 101-113, 2007.
- ALMEIDA, T. & LOURENÇO, M. L. Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. *Revista Brasileira de Ciências do Desenvolvimento Humano. Passo Fundo*, RS (no prelo).
- BEAUVOIR, S. A Velhice. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990.
- BIDDULPH, S. *Por que escolhi você?* São Paulo: Fundamento, 2003.
- BIRMAN, J. Futuro de Todos Nós; Temporalidade, Memória e 3a Idade na Psicanálise. In: Veras, R. P. (Org) *Terceira Idade: Um Envelhecimento Digno para o Cidadão do Futuro*. 3a Edição, 1995.
- CARDOSO, V.S. *Envelhecimento e diferenças de gênero: postura de casais idosos frente ao processo de envelhecimento*. Acesso em 25 de abril de 2008. Disponível em: http://64.233.169.104/search?q=cache:sXDDfase18IJ:www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/V/Vanessa_Silva_Cardoso_45.pdf+%22Envelhecimento,+representa%C3%A7oes+sociais,+sa%C3%BAde+e+cidadania:+perspectivas+de+g%C3%AAnero%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br, em 25 de março de 2008.
- DANTAS, J.; SILVA, E.M.; LOURES, M.C. *Lazer e sexualidade no envelhecer humano*. Acesso em mar. 2005. Disponível em: <http://www.redadultosmayores.com.ar/buscador/files/FAMIL014.pdf>.
- DENARI, F. E. *O adolescente especial e a sexualidade*: nem anjo, nem fera. 1997. 182 p. Tese (Doutorado em Educação Especial). Programa de Pós Graduação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 1997.
- NÉRI, A. L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. São Paulo: Papius, 1993.
- REIS, A M. Terceira idade “a gente não quer só comer, a gente quer comer, quer fazer amor...” Acesso em maio 2007. *Acessa.com*. 2000. Disponível em: http://www.jfsservice.com.br/arquivo/mulher/eles/2000/10/23-Terceira_Idade/.
- RISMAN, A. Sexualidade e terceira Idade: Uma visão histórico-cultural. *Textos sobre Envelhecimento*. Rio de Janeiro, v.8, n.1, 2005.
- SANTOS, S. S. *Sexualidade e amor na velhice*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTOS, A .M. O .S. O Imaginário do Envelhecer, desaprendendo mitos, preconceitos e idéias errôneas. *Revista virtual Tiempo*, 2005.

SHINYASHIKI, R. T; DUMÊT, E. B. *Amar pode dar certo*. 143. ed. São Paulo: Gente, 2002.

SORJ, B. O feminino na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: Costa, A. O. & Bruschini, C. (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

STEINKE, E.E. Sexuality in Aging: Implications for Nursing Facility Staff. *The Journal of Continuing Education in Nursing*, 1997.

STREY, M. N. Gênero. In: *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1999.

VASCONCELLOS, D. et al. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas-comparação transcultural. *Estudos de Psicologia*, Natal, v.9, n. 3, p. 413-419, set./dez., 2004.

Qual é sua gloriosa idade? O envelhecimento de mulheres iorubás (África Ocidental) à luz do diálogo entre Christopher Lasch e Lin Yutang

Ronilda Iyakemi Ribeiro¹

Resumo

No âmbito dos debates sobre *envelhecimento e morte* e sobre a *questão feminina*, o texto aqui apresentado reúne informações a respeito do modo iorubá de envelhecer, particularizando dados sobre o envelhecimento feminino. Para melhor compreendermos esse estágio da vida humana e melhor refletirmos sobre a concepção dos iorubás, grupo étnico da África Ocidental (Nigéria, Togo e República do Benin), de marcante presença na vida sócio-cultural brasileira, é tecido um diálogo entre as idéias de Christopher Lasch e as de Lin Yutang. Lasch, autor de *A Cultura do Narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio*, realiza uma lúcida análise das relações humanas nas sociedades industriais, enquanto Lin Yutang, autor de *A importância de viver. A arte de ser feliz revelada pela profunda sabedoria chinesa*, tece considerações sobre as diferentes representações sociais do envelhecimento mantidas nas sociedades industriais e nas tradicionais, como a iorubá. Os títulos dessas obras já refletem atitudes básicas frente à vida e à morte, das quais decorrem formas de relacionamento familiar nessas sociedades, que definem de modos distintos o lugar do envelhecimento. Este estudo foi realizado com base na bibliografia de referência e nos relatos biográficos de mulheres iorubás, na cidade de Abeokuta (estado de Ogum, Nigéria) e brasileiras, na cidade de São Paulo (estado de São Paulo, Brasil). Comparando-se o lugar concedido à morte na sociedade tradicional e na industrial constatamos que, naquela, a memória cumpre a função de preservar vivos os já-idos. Nesta, porém, a morte é necessariamente interdita por tratar-se de sociedades do tempo produtivo, fundadas na lógica do lucro, que não deixam tempo nem lugar para qualquer atividade que demande alguma energia, dada a necessidade de reverter toda a energia possível em benefício do rendimento. Quanto ao envelhecimento, observamos que, enquanto as sociedades tradicionais mostram-se favoráveis ao desenvolvimento de atitudes positivas ante o envelhecimento e a morte, o mesmo não ocorre nas sociedades industriais, onde o horror ao envelhecimento e à morte tornam intolerável a presença e a perspectiva da velhice. O medo da velhice tem origem na estimativa racional do que acontece às pessoas idosas nessas sociedades, bem como, segundo Lasch, no pânico irracional das pessoas que, construídas nessas culturas do narcisismo, têm a necessidade de serem admiradas e temem que pouco possa sustentá-las quando a juventude passar.

Palavras-chave: envelhecimento, feminino, iorubás, herança africana.

¹ Ronilda Iyakemi Ribeiro possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo – USP (1968), mestrado (1981) em Psicologia; doutorada (1987) em Psicologia pela USP e doutorado em Antropologia (da África Negra) pela USP (1996). Pesquisadora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Paulista e professora-orientadora no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP, atua principalmente nos seguintes temas: Herança Africana, Tradição Iorubá, Relações Raciais, Psicologia e Religião, Etnopsicologia, Responsabilidade Social e PsicolInformática. É membro da diretoria da ONG Instituto Guatambu de Cultura-Canto das Águas. Email: iyakemi@usp.br.

O continente africano, apesar de apresentar-se ao olhar menos avisado, como um bloco único, guarda uma imensa diversidade cultural, lingüística, biológica e política. E embora pelo menos 45% dos brasileiros tenham ancestrais oriundos da África, esta permanece até hoje um dos continentes menos conhecidos, comparativamente aos demais, que participaram da formação do povo brasileiro.

No presente contexto trato de apresentar algumas informações sobre o modo iorubá de envelhecer. Os iorubás integram um grupo étnico da África Ocidental, de forte presença na vida sócio-cultural brasileira.

Falo na posição de mulher de valores negro-africanos e pele branca, mãe de um casal de jovens iorubás, nascidos no Brasil. Apreendi com os ancestrais africanos de meus filhos, por mim adotados como minha própria ancestralidade moral e espiritual, que *o ensinamento se dá de boca perfumada a ouvidos doces e limpos*. Por isso, tratei de preparar, respeitosamente, a minha escuta e, buscando cumprir o que me compete na tarefa de sermos, cada um de nós, elos de uma corrente geracional, espero que as sementes de sabedoria plantadas em mim pelos sábios iorubás encontrem terreno fértil também na alma de jovens das gerações que sucedem a minha.

Os iorubás ocupam grande parte da Nigéria, no sudoeste do país e, em menor proporção, parte do Togo e da República do Benin (antiga Daomé). Pertencem predominantemente aos estados do Ogun, Oyo, Ondo, Kwara e Lagos, na Nigéria, onde convivem com outros grupos étnicos: anang, batawa, edo, efik, fulani, hausa, idoma, igbira, ibibio, ibo, igala, igbo, igbomina, ijaw, ijo, itsekiri, kanuri, nupe e tiv, cada qual com sua própria língua, costumes e sistemas de administração tradicional. Destes, os mais numerosos são os hausa, iorubá e ibo. A conquista daomeana de parte das terras iorubás favoreceu a miscigenação entre os grupos iorubá e fon, tornando-se pouco nítida a linha divisória entre eles. Os iorubás associam-se em sub-grupos - Egba, Egbado, Oyo, Ijesa, Ijebu, Ife, Ondo, Ilorin, Ibadan entre outros.

Os relatos biográficos que ouvi da boca de mulheres iorubás mostram que a morte, quando boa, não destrói os laços familiares, pois alcançada a condição de ancestral, permanece o homem no seio familiar, cuidando dos interesses dos seus descendentes. Entre os iorubás a noção de *corrente da vida* torna a imortalidade quase visível e palpável. As mulheres iorubás, convictas da continuidade da vida após a morte, percebem a si mesmas como elos da corrente geracional, expressão no presente, da conexão entre passado e futuro. Esse contexto sociocultural mostra-se favorável ao desenvolvimento de atitudes positivas ante o envelhecimento e a morte. O culto aos ancestrais cumpre, entre outras, a função de preservar relações entre vivos e já-idos, ou seja, entre vivos e mortos-viventes. Quando os corpos envelhecidos estejam totalmente imobilizados pela morte, os já-idos permanecem presentes na memória e nos movimentos de seus filhos, netos, bisnetos.

Os iorubás percebem a família como um organismo composto de órgãos mutuamente dependentes e a convivência entre os familiares ocorre de modo análogo ao das relações entre os órgãos de um corpo: *Como nossos olhos, mãos, pés, pernas, braços, ... preciosos auxiliares, com o passar do tempo vão se tornando cada vez mais debilitados, portanto, menos capazes de acorrer em nosso auxílio, os corpos jovens dos netos vêm para substituí-los*, diz uma mulher iorubá. A identidade individual se constrói incluindo a percepção de si mesmo como parte de um organismo grupal - o familiar. Esse fato favorece atitudes positivas ante o envelhecimento e a morte. A dinâmica das relações entre cada indivíduo e seu grupo de pertença supõe o reconhecimento de uma pertença, aqui-e-agora, a um grupo familiar e uma pertença, no tempo, a um grupo constituído pelos muitos elos da corrente geracional.

Buscando compreender o modo africano de significar as relações familiares, o envelhecimento e a morte, confrontemos duas formas distintas de representação das relações familiares: a adotada pela chamada “cultura do narcisismo” e outra, adotada por sociedades tradicionais orientais. Para isso, pode ser interessante retomar as falas de Christopher Lasch e do filósofo e romancista chinês Lin-Yutang para representar cada uma dessas formas de representar tais relações.

Christopher Lasch (1983), da Universidade de Rochester, em sua obra *A Cultura do Narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio*, realiza uma lúcida análise das relações humanas em sociedades industriais, enquanto Lin Yutang (1963), tece considerações sobre as diferenças culturais que pôde observar vivendo na China e nos Estados Unidos, em sua obra *A importância de viver. A arte de ser feliz revelada pela profunda sabedoria chinesa*. Embora as obras desses autores tenham sido publicadas há pelo menos duas décadas, suas observações mostram-se bastante úteis a nossos propósitos. Observemos que os títulos dessas obras já refletem atitudes básicas frente à vida e à morte, das quais decorrem formas de relacionamento familiar nas sociedades tradicionais e industriais.

As sociedades industriais carregam a marca de valores da *cultura do narcisismo*, que exige a satisfação imediata das necessidades e coloca as pessoas em estado de desejo permanentemente insatisfeito. Lasch refere-se ao fato de que nessas sociedades vive-se a *busca da felicidade no beco sem saída de uma preocupação narcisista com o eu*. O narcisista não se interessa pelo futuro, em parte por ter pouco interesse pelo passado; subestima a necessidade de interiorizar associações felizes ou criar um estoque de lembranças amáveis, fonte psíquica indispensável para enfrentar a última parte da vida. Diz Lasch: *Longe de considerá-lo uma sobrecarga inútil, vejo o passado como um tesouro político e psicológico do qual extraímos reservas que necessitamos para enfrentar o futuro. A indiferença de nossa cultura pelo passado ... fornece a prova mais palpável da falência dessa cultura ... Uma negação do passado mostra o desespero de uma sociedade que não consegue enfrentar o futuro* (Lasch, 1983:16). É, pois, na desvalorização do passado que Lasch localiza um dos mais importantes sintomas da crise cultural das sociedades industriais.

Nessas sociedades, no interior de uma “cultura do narcisismo”, a paixão predominante é viver para si e para o momento, o que determina a perda do senso de continuidade histórica. Nesse contexto, até mesmo a busca religiosa e de auto-desenvolvimento pode estar apoiada, e frequentemente está, sobre o interesse de *cultivar uma auto-atenção transcendental* apenas com vistas a aumentar o próprio poder e aperfeiçoar a própria performance, numa perversão dos princípios e finalidades de propostas religiosas ou filosóficas que, em sua base, visam fins bem distintos para suas práticas, pois têm por norte a esperança em maior justiça social e almejam a comunhão universal. Peter Marin, citado por Lasch (1983:27), ressalta que o ponto de vista adotado *centraliza-se unicamente no eu e considera como único bem a sobrevivência individual*.

Simone de Beauvoir descreve um fenômeno freqüente das sociedades industriais: *As árvores que o velho planta serão abatidas ... o filho não recomeçará o pai e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a herdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo* (1970:402).

Por outro lado, Lin-Yutang refere-se ao fato de que na China tradicional cada indivíduo é considerado, também, um membro da unidade familiar, um elo da corrente da vida: inicialmente é cuidado, depois cuida e, na velhice, volta a ser cuidado. Inicialmente obedece e respeita, depois é obedecido e respeitado. Uma vivência profunda do sentido de continuidade histórica e a consciência de si mesmo enquanto elo geracional favorecem o desenvolvimento de uma atitude de zelo pelo bem comum, ainda que

seja, pelo menos, o do grupo familiar. Diz Lin Yutang: *Cada avô, ao ver o neto que parte para a escola, sente que está vivendo outra vez na vida do menino e quando lhe belisca as bochechas sabe que é carne de sua carne e sangue de seu sangue. Sua vida é apenas uma parte da vida familiar e da grande corrente da vida, que flui sempre e, portanto, ele é feliz ao morrer* (p.157).

Lasch refere-se ao sentido de continuidade histórica e Lin Yutang à corrente da vida. O primeiro descreve comportamentos e interações humanas que refletem um embotamento da consciência a respeito de haver um fluxo geracional. Um dos reflexos desse embotamento é a atitude desfavorável frente ao envelhecimento e à morte. No confronto da vida oriental com a ocidental Lin Yutang diz não haver encontrado *diferenças absolutas, salvo nesta questão da atitude para com a idade, que é clara e não admite posições intermediárias ... Na China, a primeira pergunta que se faz, por ocasião de uma visita oficial, se já se conhece o nome e o sobrenome da pessoa, é: "qual é sua gloriosa idade?" O entusiasmo é tanto maior, quanto mais avançada a idade. À experiência de vida se atribui grande importância e os velhos podem dizer aos jovens: "mais pontes cruzei eu do que ruas tu cruzaste". E isso tem valor ...* (p.163)

Assinala, ainda, o fato de que os velhos do Ocidente têm vergonha de dependerem dos filhos e de que o individualismo extremo os mantém permanentemente atarefados e ativos. Compara-os a velhos chineses que, por não possuírem o mesmo senso de independência individual, uma vez que todo conceito de vida se baseia na ajuda mútua dentro de casa, não sentem vergonha alguma por serem servidos pelos filhos no ocaso da existência. Pelo contrário, considera-se um homem de sorte aquele que recebe cuidados dos filhos. Quanto a estes, diz Lin-Yutang, se são incapazes de tolerar os próprios pais quando velhos e relativamente desamparados, a quem poderiam tolerar?

Observa-se então, que uma grave consequência do individualismo na sociedade industrial é a aversão ao processo de envelhecer. Sendo a mercadoria mais valiosa que o homem, envelhecer implica em tornar-se cada vez menos capaz de produzir, fato que determina uma perda progressiva de valor. Valor concedido à força física, destreza, adaptabilidade e não à importância da experiência. O envelhecimento, além de representar um caminho para a morte, confere uma condição realmente lastimável nesse contexto social.

Sendo de raízes profundas as causas sociais do *status* dos velhos, o simples uso de propaganda ou a proposta de programas baseados em políticas mais humanas, *não será, segundo Lasch (1983), suficiente para aliviar seus destinos. Nada menos que uma completa reordenação do trabalho da educação, da família, de cada instituição importante, tornará suportável a velhice* (p.254). Simone de Beauvoir (1970) é da mesma opinião e afirma que a falta de sentido da vida do homem velho, inativo, é apenas mais uma expressão da ausência de sentido de toda a sua vida, sentido roubado pelo contexto da sociedade industrial. Segundo ela, *a sociedade que permite que o homem permaneça como um homem na velhice é somente aquela em que ele tenha sido sempre tratado como tal* (p.146).

O horror ao envelhecimento e à morte reflete mudanças objetivas na posição social dos mais velhos bem como experiências subjetivas que tornam intolerável a perspectiva da velhice. O medo da velhice tem origem, em parte, na estimativa racional do que acontece às pessoas idosas na sociedade industrial, mas origina-se, também, segundo Lasch, no pânico irracional do narcisista, cuja necessidade de ser admirado associa-se ao temor de que pouco possa sustentá-lo quando a juventude passar.

Não ocorre o mesmo com o processo de envelhecimento descrito por Lin-Yutang: *As pessoas de idade madura esperam, na verdade, com impaciência a época em que poderão comemorar o 51º*

aniversário ... o 51º aniversário, isto é, o marco de meio século, é ocasião de regozijo para pessoas de todas as classes. O 61º é data maior e mais feliz que o 51º e, mais ainda, o 71º. E o homem que pode comemorar o seu 81º aniversário é olhado como pessoa especialmente favorecida pelo céu (1963:161).

Quanto ao lugar da morte na sociedade tradicional e na industrial constatamos sem dificuldade que, naquela, a memória cumpre a função de preservar vivos os já idos enquanto, nesta, a morte é interdita. Na *sociedade do tempo produtivo*, fundada na lógica do lucro, não há lugar para rituais fúnebres nem para o luto, muito menos para a lembrança viva do passado, uma vez que toda a energia poupada reverte em benefício do *rendimento*.

Quanto ao envelhecimento das mulheres iorubás, o diálogo que tive com elas tornou evidente o fato de que elas estão profundamente convencidas da continuidade da vida após a morte e perceberem a si mesmas como elos da corrente geracional, expressão no presente, da conexão entre passado e futuro. Elos também, porque articulam entre si, num sistema orgânico de mútua dependência, os vários elementos integrantes da estrutura familiar. A convivência das avós com os netos forma um corpo: *Como nossos olhos, mãos, pés, pernas, braços, ... preciosos auxiliares, com o passar do tempo vão se tornando cada vez mais debilitados, portanto, menos capazes de acorrer em nosso auxílio, os corpos jovens dos netos vêm para substituí-los*, me disse uma mulher iorubá. A própria identidade inclui a percepção de si como parte de um organismo grupal - o familiar.

Esse contexto sociocultural mostra-se favorável ao desenvolvimento de atitudes positivas ante o envelhecimento e a morte. O culto aos ancestrais cumpre, entre outras, a função de preservar relações entre os já idos e os ainda não-idos, ou seja, entre mortos-viventes e vivos. Quando os corpos das mulheres velhas estiverem totalmente imobilizados pela morte, permanecerá ela viva na memória e nos movimentos de seus filhos, netos, bisnetos.

Dando expressão social aos arquétipos femininos de sua tradição cultural, a mulher iorubá vive Oxum, zelando por suas crianças pequenas, carregadas em seus ventres geralmente férteis, atadas às suas costas, geralmente fortes, agarradas às suas saias, sempre muito coloridas. Vive simultaneamente Oyá, a companheira corajosa, guerreira que enfrenta os embates difíceis da vida africana, lado a lado, braço a braço com seu homem. Quantas vezes vive Obá, enciumada porque preterida, num sistema poligâmico de relações geralmente tumultuadas e conflitantes, porém disposta a enfrentar todo e qualquer desafio. No vigor de sua maturidade vive Iemanjá, mãe de filhos adultos, por eles zelando através de recursos religiosos e mágicos. Vive, finalmente, em sua velhice, Nanã Buruku, a mãe de filhos já maduros, agora mulher sábia, muitas vezes misteriosa. E em todas essas etapas vive *Iya-mi*, compartilha o Poder Ancestral Feminino, eternizando-se em funções procriadoras e nutridor, guardando sementes e favorecendo o surgimento de belas flores e saborosos frutos.

Referências Bibliográficas

- AWOLALU, J.O. & DOPAMU, P.A. - *West African Traditional Religion*. Nigeria, Onibonoje Press & Book Industries Ltd., 1979.
- FADIPE, N. A. - *The Sociology of the Yoruba*. Ibadan, Ibadan University Press, 1970.
- HAMPATE BÂ, A. - "A tradição viva". *História Geral da África: Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Atica; [Paris]: UNESCO, 1982. Páginas 181-218.
- LASCH, C. - *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro, Imago Eds., 1983.
- LASCH, C. - *O mínimo eu*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
- LIN YUTANG - *A importância de viver: a arte de ser feliz revelada pela profunda sabedoria chinesa*. Rio de Janeiro, Ed. Globo,

1963.

RIBEIRO, R. I. *Alma africana no Brasil. Os iorubás*. São Paulo, Ed. Oduwa, 1996.

RIBEIRO, R. I. - *A mulher, o tempo e a morte: um estudo sobre envelhecimento feminino no Brasil e na Nigéria*. Tese de Doutorado. São Paulo, IPUSP, 1987.

SALAMI, S. - *A Mitologia dos orixás africanos. Coletânea de àdúrà (rezas), ibá (saudações), oríkì (evocações) e orin (cantigas) usados nos cultos aos orixás na África*. (Em iorubá com tradução para o português). Vol. I - Sàngó/ Xangô; Oya/Iansã; Òsun/Oxum e Obà/Obá. São Paulo, Ed. Oduwa, 1990.

SALAMI, S. - *Cânticos dos orixás africanos*. São Paulo, Ed. Oduwa, 1992.

SALAMI, S. - *Ogun. Dor e júbilo nos rituais de morte*. São Paulo, Ed. Oduwa, 1996.

UNESCO - *História Geral da África*. Paris/São Paulo, UNESCO/Ática, 1982.

Fenomenologia do amor: misturinha de psicologia, Adélia Prado e religião

Marília Ancona-Lopez¹

Resumo

Em uma perspectiva da psicologia fenomenológica, o capítulo apresenta a experiência do amor valendo-se de uma linguagem poética e metafórica. A apresentação da experiência do amor vale-se de conceitos da psicologia winnicottiana, em uma visada fenomenológica, e mostra o seu transbordamento através das referências à obra de Adélia Prado e das metáforas de ordem religiosa. O objetivo da linguagem utilizada é o de atingir vivências similares nos leitores possibilitando revisitar experiências amorosas e rever seus significados a partir do encontro com a poesia e com o sagrado.

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológica; Experiências amorosas; Psicologia, poesia e religião.

¹ **Marília Ancona Lopez.** Doutora em Psicologia Clínica. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde orienta teses de doutorado e dissertações de mestrado na interface Psicologia e Religião. Membro do Grupo de Trabalho Psicologia e Religião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. Vice-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Paulista. Membro do Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação.

Encontro amoroso, experiência atemporal. Diante do amado o tempo se torna lento, ele se alonga. Aquele sorriso que se forma em seu rosto, eu o vejo segundo a segundo, a dilatação de sua pupila, sinto cada batida do coração. Seu toque em meu braço encontra nossas peles mais quentes. O tempo se dilata na possibilidade dos infinitos graus de calor que ao se expandirem pelo corpo provocam reações que não domino, às quais me entrego com prazer. Mas foi só um instante, apenas um toque de seus dedos em meu braço.

*“O amor...” como se me tocasse,
falava só para mim, ainda que outras pessoas estivessem à mesa.
“O amor...” e arrastou sua cadeira
pra mais perto
Não levantava os olhos, temerosa
da explicitude do meu coração.
A sala aquecia-se
do meu respirar de crepitação e luzes.
“O amor...”
Ficou só esta palavra do inconcluído discurso,
Alimento da fome que desejo perpétua.
Jonathan é minha comida.¹*

A extensão do tempo vivida no forte balanço do avião em zonas de turbulência. A instabilidade se instaura e a possibilidade de morte prolonga cada minuto. O passado e o futuro da história, todas as gerações que me precederam e possibilitaram o surgimento deste aparato tecnológico que me balança acima dos rios e dos lagos, das montanhas e das cidades concretizando a geografia e nossa pequenez.

*Me aflige que escrevam:
‘Foi em mil oitocentos e tanto que apareceu a primeira bicicleta’.
Preciso que seja eterna.
Deus entende o que digo²*

Todos eles morreram, milhões de pessoas que viveram antes de nós. Eu me agarro ao cinto de segurança, como me agarro à sua mão, e acredito na presença de um Anjo tal como na eternidade de nosso amor.

*Quem me socorre é Deus e toda corte celeste
Com seus anjos e santos.
Uma sensação que tive esfumou-se, ia causar espanto,
Tão insolitamente poética afigurava-se.
Tudo é por causa da morte, a mágica,
A forma provençal de el corazón
a mão desobturando o peito de seus ossos
e pinçando o que em mim é pura dor,
coração.
Ninguém entenderá bem o que digo e é bom que seja assim
pra que os poemas não desapareçam)³*

Milagres reais-irreais acontecem em minha alma, permitem enfrentar a possibilidade da morte com felicidade. Assim descanso, na segurança tão insegura da poltrona e dos seus braços:

*...se resolvermos que o céu
É este lugar onde ninguém nos ouve,
quem poderá salvar-nos ?⁴*

Experiência interna que resulta de minha cultura, de minha história, de minha estrutura. Parênteses no qual o presente-futuro nos liga ao que somos e ao que queremos ser, nos arrasta em ondas de criatividade, nos afunda em abismos de angústia e nos apaga quando se perde na praia.

Nunca fui sozinha. Desponteí no útero, possibilidade de ser mamei em um seio, fui embalada. Como sou, como vivo, esta é minha singularidade. Não pede explicações, vivemos como vivemos no mundo em que vivemos. O paradigma fenomenológico dá suporte, explica a impossibilidade de explicação. Teorias são produtos humanos, invenções que nos ajudam a significar o mundo. São provisórias, mutantes, sempre incompletas. Consciência e objeto da consciência, uma unicidade, indivisível, este é o primeiro pressuposto, a intencionalidade. Não há pura objetividade, não há pura subjetividade, assim vivemos dentro e fora de nós, no mundo que criamos e no qual fomos criados. Husserl é meu amigo:

Mesmo aquele que clarificou para si o problema só com dificuldade pode manter continuamente eficiente esta claridade, e na reflexão superficial sucumbe novamente às tentações do modo natural de pensar e julgar, bom como a todas as maneiras falsas e sedutoras de pôr o problema, que crescem no seu solo.⁵

Preciso de compreensões, das palavras que dão sentido à vida, às experiências. Formei-me psicóloga, e, em meu modo de ser pergunto sobre nós, sobre o amor, busco significados.

Quase acredito quando sábios colegas explicam o que somos e porque somos. Converso com psicanalistas kleinianos: introjetamos um seio bom, um seio mau, vivemos fases orais, anais, genitais, projetamos, introjetamos. Em que fase nos fixamos, quais as defesas, as patologias, as esquisofrenias, as psicopatias ? Nos amamos, em nossa neurótica normalidade. Os humanistas são convidativos. Olham a saúde, os recursos, o auto conhecimento, as possibilidades. O ser humano em boas condições tende ao crescimento, ao desenvolvimento, à integração, à atualização.

O amor está sempre presente no atendimento psicoterápico. Na abstinência do analista que abre espaço para que o outro se faça presente. Na empatia humanista, quando o terapeuta deixa de lado os próprios sentimentos e se coloca disponível ao outro, deixa-se afetar por ele na compreensão e aceitação, condições primordiais do diálogo terapêutico, na tolerância à liberdade de expressão do outro, no respeito pela pessoa.⁶ Na crença fenomenológica em uma estrutura comum que garante a intersubjetividade, possibilita a compreensão mútua. Permite que você me compreenda, que eu o compreenda. Amor presente na aceitação incondicional, inclusive das suas escolhas, muitas vezes diferentes da minha. Na proposta da Gestalt, tão próxima do senso comum, tão difícil de atualizar:

Entrar na existência do outro sem perder o próprio referencial.⁷

Não sou a sua terapeuta. Não posso aceitá-lo incondicionalmente e no envolvimento do amor perco minhas referências. Os sentimentos de inveja, ciúme, posse, surgem simultâneos e te quero à imagem do meu desejo.

*Jonathan chegou.
E o meu amor por ele é tão demente
Que me esqueci de Deus
Eu que diuturnamente rezo.
Mas não quero que Jonathan se demore.
Há o perigo de eu falar
Na presença de todos
Uma coisa alucinada⁸*

Rogers⁹ privilegiou a crença positiva no ser humano, contra a visão psicopatológica, a saúde mais do que a doença. Assim quero o teu amor, para ser melhor, para me tornar melhor.

Recebo Winnicott¹⁰, ele apresenta o espaço potencial, aquele da transicionalidade e diz que foi lá que nos formamos. Recém nascidos, nem mesmo éramos saídos de nossas mães, elas também se encontraram na fusão, fora dela ainda éramos ela, ela e nós éramos nós e ela. Nesse espaço mãe-filho nossas necessidades foram recebidas, fomos cuidados, alimentados, acalentados, protegidos. E, sem que soubéssemos, o acolhimento possibilitou em nós a confiança. Confiança que vivo quando te encontro, mesmo sabendo que nem mesmo você é plenamente confiável. A mãe que estava lá, que se fez presente quando necessitei dela, ofereceu-se para ser criada por mim. Você que está aqui e que posso criar como ser amoroso ao qual me entrego, tal como ao meu anjo da guarda, que não vejo e que me protege. Às vezes confundo os dois, logo vejo que é difícil para você suportar tanta idealização.

Porque nos criaram podemos nos criar e criar o mundo na ilusão. Ilusão que se dá em um espaço transicional vivido nos primeiros tempos. Nessa zona, nem interna nem externa, que não precisa de comprovação, concretizamos nossa possibilidade de crescimento, amadurecimento, integração, dom sagrado com o qual nascemos. Espaço que se mantém em nós como espaço potencial de criação. Real, irreal se fundem, não há paradoxo, não há contraponto, não há diferença. Vida anterior à lógica. Na vida adulta ocidental desenvolvi a racionalidade. Na vida acadêmica coloquei-me nos limites da coerência. Lógica, silogismos. Reviver no amor, na arte, na cultura, na religião. Abrir o tempo e o espaço. Experiências de transcendência. Boa a vida nascida do orgasmo, da fusão, da entrega, do amor.

Amor, poesia e religião se aproximam, neles a vida emerge:

Não uma vida de racionalidade apenas, mas, uma vida na qual a mágica primordial do pensamento, do gesto, da palavra, da imagem, emoção, fantasia está unida às experiências cotidianas.¹¹

O amor depende do encontro do outro de mim. O outro. Você não é um estranho, não está fora de mim. Você, o outro, uma exterioridade que ressoa possibilidades já vividas, inscritas no corpo e na alma. Cada amor concentra os primeiros amores, cada amor é o último, é todos os amores.

Os amores não se repetem. São fluídos, passageiros, cambiantes. Não se ama igual outra ou a mesma pessoa, ou a si mesmo. Amor em que cognitivo e afetivo, consciente e inconsciente se aglutinam. Amor de conseqüências sempre violentas, porque modificam, transformam e não conhecemos a extensão de seus efeitos. Perco energia na fusão, saio dela com mais energia. Sei que você não é você. Eu li essa

frase, não importa aonde: é impossível amar o outro tal como ele é. Não quero admitir. Para conhecê-lo preciso destruí-lo em mim. Os adolescentes atacam o pai, a mãe e a família, se contrapõem, se opõem para conseguir se libertar dos moldes e dos modelos, procurando ser quem são. Porém, não quero me liberar de você, quero viver na fusão, me desmanchar em seu amor.

*Um corpo quer outro corpo.
Uma ama quer outra alma e seu corpo.
Este excesso de realidade me confunde.
Jonathan falando:
Parece que estou num filme.
Se eu lhe dissesse você é estúpido
Ele diria sou mesmo.
Se ele dissesse vamos comigo ao inferno passear
Eu iria.¹²*

Corto pedaços meus. Este é o paradoxo, tolerar suas diferenças e disfarçar as minhas. Não mostro meu ser. Diferenças não venham à tona, não destruam, não derrubem. O tempo aponta o excesso de esperança, confiança, expectativas. Obriga a enfrentar realidades.

Amar não é olho no olho. O olhar contínuo sufoca. Contava uma paciente que ele a olhava o tempo todo e ela não podia nem mesmo ler o jornal, não suportou sua presença. Para Merleau-Ponty¹³ o olhar do outro levanta em mim possibilidades que nem eu mesma sabia existirem. O mesmo olhar não vê o que sou, vê o que eu poderia ser, ou a pessoa que quer que eu seja. Para Sartre¹⁴ o olhar do outro me mata, não vê quem sou. As diferenças podem se tornar intoleráveis, ou exigir mais amor, um amor que nem mesmo sabemos existir em nós.

... e tendo amado os seus que estavam no mundo amou-os até o fim.¹⁵

A mãe, ao chamado do pai, muda o seu olhar, e assim permite que a criança seja. Abandono e luto fazem parte do amor.

Deixo de lado ilusões. Você é apenas um homem. Sofro com suas fragilidades, suas doenças. Sofremos com o desamor. Continuamos na mesma direção. Amar não é mais olhar um para o outro, é olhar na mesma direção. Já não sabemos do que se trata, de amor, de patrimônio, de submissão social, de comodismo. Cantou Erasmo Carlos: *você precisa de um homem pr'á chamar de seu, mesmo que esse homem seja eu*. Volto a Adélia Prado:

*vem Jonathan,
qualquer hora é hora,
o que vale é ser feliz,
mais vale um pássaro na mão,
vem, ó galante, do que dois avoando,
imploro-te,
mas vem logo, desgraçado,
senão eu te furo
e não tou nem aí.¹⁶*

A vida se encarrega de quebrar mitos de amor e outros mitos. O tempo que passa, as doenças, as partidas, os erros.

*De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.
O mundo, cheio de departamentos,
Não é a bola bonita caminhando solta no espaço.¹⁷*

O tempo afetivo parou. Tudo se torna novamente lento. Vejo o seu sorriso se formar segundo a segundo, sorriso que de tão conhecido já não me sorri, carrega uma ironia, sinto cada batida do coração. Seu braço não me toca, sinto a pele mais fria um grau, pressinto os infinitos graus de frieza no vazio de você. Revivemos paradoxos, amor-desamor, alegria-tristeza, esperança-desesperança. Estamos no outro pólo.

*Amor e morte são casados
E moram no abismo trevoso.
Seus filhos,
O que se chama Felicitas
Tem o apelido de Fel¹⁸.*

Não há surpresa, não há apelo, não há futuro. Em um filme, o personagem pergunta desesperado: o que você quer, Maria ? que eu envelheça a seu lado ?

*Não quero mais amar Jonathan.
Estou cansada deste amor sem mimos,
Destinado a tornar-se um amor de velhos.
Ó! – nunca falei assim – um amor de velhos.¹⁹*

Dar liberdade ao outro, deixá-lo ser na sua diferença é o preço da minha liberdade.

*Ainda bem que é mentira.
Mesmo que Jonathan me olvide
E esta canção desafine
Como um bolero ruim,
Permaneço querendo a bicicleta holandesa
E mais tarde a cripta gótica
Pra nossos ossos dormirem.
Ó, Jonathan,
Não depende de você
Que a cornucópia invisível jorre ouro.
Nem de mim.
Quero enfear o poema
Pra te lançar meu desprezo,
Em vão.
Escreve-o quem me dita as palavras,*

Escreve-o por minha mão. ²⁰

Escolhas resolvem contradições, mas não os paradoxos:

*Pode-se definir uma contradição como uma proposição compatível com uma escolha, frequentemente dolorosa, mas possível, como : “Eu queria, ao mesmo tempo, comer esse doce e guardá-lo”. Embora de forma dolorosa, essa contradição é ultrapassada comendo o doce, ou guardando-o. O paradoxo, ao contrário, torna impossível a própria noção de escolha, pois os dois termos antinômicos que o compõem incluem e excluem um ao outro. Assim “toda proibição está proibida” ou “se você me ama, você não me ama”(…) tem uma essência paradoxal e sair desse dilema exige mais do que uma escolha dolorosa. Quando esse tipo de comunicação paradoxal faz parte de uma “experiência vivida repetida” da qual o indivíduo não consegue fugir, ela traz uma situação de duplo vínculo que pode dar margem ao surgimento da patologia.*²¹

Amor paradoxo. Se você vai, continua presente, se fica, continua ausente. Tempo de morte. Morte lenta, na qual nos acabamos paulatinamente, na dor sem fim, na decomposição ainda viva do nosso amor que chega ao fim. Tempo de luto. A ambivalência dissolve o paradoxo, re-apresenta a escolha. Na ambivalência, não somos perfeitos, nem anjos nem monstros. Reconhecidos na alteridade o amor se faz companhia, o melhor vinho Mas, a ressurreição é um milagre.

Procuro o melhor vinho, aquele que veio da transformação da água, servido no final dos esponsais. O amor do início, distribuído com largueza, alardeado, inebriado, tal como a paixão, termina no meio da festa, põe em risco a própria festa. Você não me é mais alegria. Resta a água, bebida comum do dia a dia, já não sinto o seu gosto. Não é a água viva. Cristo salva a festa de casamento, transforma a água em vinho. Não é ação dos noivos, nem dos que estão a seu lado. Atuam os convidados, a intercessora e seu filho, a palavra divina, servos obedientes, encher de água os antigos odres. *Façam o que ele disser.*²²

Encher os recipientes de água. A água sem graça do dia a dia, que aplaca a sede, evita a seca. O cuidado do dia a dia, a concretização da mensagem, amar ao outro como a si mesmo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Promessa feita na ilusão do amor eterno faz sua cobrança:

*Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
Ela falou comigo:
“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.* ²³

O milagre vem de um outro, da observação, da escuta, da obediência a uma fala que ultrapassa a lógica da racionalidade. Para Grum, sinais do inconsciente. Intuições. Aprender a ouvir o seu interior. Os convidados, aqueles que o entorno ofereceu à sua festa, a sua cultura, o seu meio, o seu ambiente, a sua história. Aquele amálgama cultural que nos forma e nos sustenta. Ali está a resposta, a saída milagrosa.

Se eu descer aos domínios de minha alma que tiver encoberto e ocultado, ali descobrirei a Deus, que se esconde nas profundezas do meu coração. Então minha oração será

*recompensada. Pelo fato de eu entrar em contato com o que é oculto em mim, Deus também não se esconderá de mim.*²⁴

Para Wulf²⁵, entre a leitura literal dos livros sagrados, ou a leitura redutora dos livros a partir de outros contextos, impõe-se uma interpretação restauradora, o reconhecimento do poder de restauração e de iluminação dos mitos e dos símbolos.

São possíveis milagres de amor ? *O processo criativo renova-se continuamente em nós.*²⁶ Talvez em cada época, em cada sociedade e cultura, em cada vida singular, possamos refletir, desesperadamente, refletir no que se apresenta para nós como impensável. Mesmo se, provavelmente, no final desse esforço, não se consiga pensar o impensável, mas apenas reconhecê-lo como mistério.

Pensar com a cabeça e o coração usando imagens e palavras que anunciam o o que nos escapa.

*Escolhe um mês,
Falei à santa.
Ela escolheu outubro.
E também à menina a quem pedi,
Falou, sem saber, outubro.
Não pergunto a mais ninguém
Pois será neste mês
Que vou lavrar o ouro bruto
Encastelado em seu nome.
Pensava em Jonathan quando armei
o brinquedo,
Penso nele agora
Fazendo o que sei de melhor,
Mandar mensagens de amor
Com a força do pensamento:
Jonathan, escuta,
Sou eu a mosca adejante:
Junto às ruínas, em outubro.*²⁷

2 **Prado, Adélia.** *Poesias Reunidas*, São Paulo: Siciliano, 1991. *Santa Ceia*, pg 403

3 **Prado, Adélia.** id. *História*, pg 378

4 **Prado, Adélia.** id. *O Corpo Humano*, pg 286

5 **Prado, Adélia.** id. *O Encontro*, pg. 397

6 **Husserl, Edmund.** *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986, pg. 66.

7 **Rogers, Carl R. & Kinget, G. Marian.** *Psicoterapia & Relações Humanas*. Belo Horizonte: Interlivros. 1977.

8 **Ciornai, Selma** (org.) *Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas no Brasil: 25 anos depois*. São Paulo: Agora. 1995, pg.20.

9 **Prado, Adélia.** id. *Matéria*, pg. 389

10 **Rogers, Carl R.** *Client-centered therapy*. Boston: Houghton Mifflin, 1951.

11 **Winnicott, Donald W.** *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

12 **Jones, James W.** *Terror and Transformation*. New York: Taylor & Francis. 2002, pg. 90.

13 **Prado, Adélia.** id. *Poema começado do fim*, pg. 391

14 **Merleau-Ponty, Maurice.** *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

15 **Sartre, Jean-Paul.** *Os Pensadores-Sartre*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

16 **Bíblia.** São Paulo: Edições Loyola, s/d.

- 17 **Prado, Adélia**, id. *Raiva de Jonathan*, pg. 354
- 18 **Prado, Adélia**, id. *Paixão*, pg. 199
- 19 **Prado, Adélia**, id. *A Seduzida*, pg. 396
- 20 **Prado, Adélia**, id. *Mais uma Vez*, pg. 400
- 21 **Prado, Adélia**, id. *Mais uma Vez*, pg. 400
- 22 **Alameda, Antoine**. *Les 7 péchés familiaux*. Paris: Editions Odile Jacob, 1998, pg. 105.
- 23 *Bíblia*. São Paulo: Edições Loyola, s/d.
- 24 **Prado, Adélia**, id. *O ensinamento*, pg. 116
- 25 **Grün, Anselm**. *Se quiser experimentar Deus*. São Paulo: Editora Vozes, 2001, pg 57.
- 26 Wulff, David M. in **Marina Massimi e Miguel Mahfoud** (orgs) *Diante do Mistério: psicologia e Senso Religioso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- 27 **Arcuri, Irene e Ancona-Lopez, Marilia**. *Temas em Psicologia da Religião* São Paulo: Vetor Editora, 2007.
- 28 **Prado, Adélia**, id. *Adivinha*, pg. 398

Amor no processo de Envelhecimento

Irene Gaeta Arcuri¹

Resumo

Jung aponta o caminho da individuação como possibilidade de crescimento e desenvolvimento durante toda a nossa existência. Principalmente na segunda metade da vida, ou seja, depois de termos construído uma base sólida, uma família, uma profissão, temos a jornada interior. A integração dos aspectos femininos (anima) e masculinos (animus) da nossa personalidade para que possamos enfim descobrir e viver o amor verdadeiro

Palavras chaves: anima, animus, individuação, metanoia, Self

¹ Psicóloga clínica de orientação junguiana (atende adolescentes, adultos e idosos), arteterapeuta, doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Mestre em Gerontologia. Especialista pela USP – práxis artísticas interfaces com a saúde. Docente, coordenadora, do curso de Gerontologia da UNIP – SP - Brasil

1. Amor no processo de Envelhecimento

Como podemos amar? Esta indagação profunda remete à jornada da criatividade interior. Não é privilégio da juventude ou da velhice a dificuldade no campo do relacionamento amoroso, mas em qualquer idade trata-se de uma escolha pessoal o desenvolvimento do amor. Na primeira metade da vida, somos condicionados ao desenvolvimento do ego, mas na velhice na segunda metade, da vida na metanoia temos a possibilidade de integrar e desenvolver nossa capacidade amorosa. Mas sempre será uma construção. O relacionamento amoroso é uma construção tijolo sobre tijolo. .

Quando somos centrados no Ego, vivemos acreditando que somente nossa própria consciência é real; os outros apenas existem em relação a nós. Nessa medida, só podemos amar do andar superior, ou seja, através de uma relação hierárquica. O que, no entanto, não pode ser identificado como amor e conduz ao isolamento. Assim, começamos a nos perguntar: por que nos sentimos sós? Por que não nos sentimos amados? Por que, de fato, não nos sentimos aptos a nutrir amor incondicional por outra pessoa? De acordo com Krishnamurti: *“A verdade é uma terra sem caminhos.”*

2. Amor, encontro entre o feminino e o masculino

“É no coração que as coisas psíquicas começam, onde se tem o primeiro contato com a existência real. No reconhecimento dos sentimentos e idéias é que podemos ver o Purusha. É o primeiro vislumbre de um ser dentro da sua existência psicológica ou psíquica que não é você mesmo – um ser dentro do qual você está contido, que é maior e mais importante do que você, mas que tem uma existência inteiramente psíquica.”
Carl Gustav Jung



Para Jung, a conscientização da sombra pode ser um meio de minimizar o conflito causador de sofrimento. E, já que nosso tema é o Amor, discorreremos sobre Sízigia, isto é, o encontro de opostos. O arquétipo da sombra representa o material mental e emocional, presente no inconsciente individual e coletivo, mas reprimido nestas duas esferas.

Jung referia-se à integração da sombra como um desafio central para a espiritualidade do Ocidente, devido à tendência cultural de reprimir as emoções da infância.

Nosso tema, com base na perspectiva junguiana, é o encontro entre o feminino e o masculino, de modo a favorecer a compreensão do desenvolvimento do chakra cardíaco.

Masculino e feminino significam, aqui, grandezas simbólicas. Não devem ser identificadas com o homem e a mulher concretos, já que a psique masculina contém os elementos contra-sexuais femininos - que Jung denomina *anima* - e a psique feminina, os elementos contra-sexuais masculinos - *animus*.

Neumann atribui o nome de uróboro materno ao estágio original, tanto do desenvolvimento feminino quanto do masculino. Nesta fase, o feminino encontra-se no estágio de autoconservação: o ego permanece unido ao inconsciente materno e ao si mesmo. A dominância do materno equivale a uma separação e estranhamento em relação ao masculino, impossibilitando um encontro individual e total entre masculino e feminino.

Para o masculino, o auto-encontro atrela-se, essencialmente, ao desenvolvimento da consciência e à separação dos sistemas consciente-inconsciente. Em direção oposta, portanto, à identificação primária com a mãe.

Já para o feminino, o auto-encontro é primário. Pode permanecer na relação primordial de identificação com a mãe, desenvolver-se e chegar a si mesmo, sem ter de deixar o círculo da Grande-Mãe. Quando isto ocorre, o feminino continuará infantil e imaturo, no sentido do desenvolvimento da consciência, embora não alienado de si mesmo. Na mitologia, reconhecemos o fenômeno na relação simbólica de Deméter e Coré. O mesmo quadro, no masculino, causaria uma possível castração. Esta situação é simbolizada mitologicamente, pelas deusas-mães e seus filhos-amantes que são castrados, morrem e renascem. Por exemplo: Afrodite e Adônis, Cibele e Átis.

No homem, a identidade de si, enquanto masculino, desenvolve-se por meio do distinguir-se da relação primordial, na medida em que a identificação com o outro, a mãe, evidencia-se desde cedo como falsa. A experiência permanece ativa na tendência de estabelecer relações por separação e confronto, objetivas, relações à distância no mundo consciente do logos e, também, na de não querer identificar-se, inconscientemente, com o outro.

Da mesma forma, para que a mulher possa atingir a consciência, é importante a dissolução da totalidade inicial. Assim, o feminino prepara-se para 'ser diferente', centrando-se 'fora de si', por meio de um outro, masculino, que tem o papel de consciência libertadora, vivenciado como transpessoal ou pessoal, como externo ou interno.

Neumann descreve, como uróboro patriarcal, a aparição do arquétipo do pai, em que o feminino experimenta-se como mulher. Vivencia o espírito como um númen masculino transpessoal desconhecido que penetra e se apossa do feminino, possibilitando o sair de si. Esse estágio surge na mitologia como o deus que se apossa da virgem como chuva, vento, raio, lua, ou penetra na mulher como falo numinoso em forma animal, como cobra, pássaro, touro. Também está presente nos Deuses da fecundidade, como Dionísio (Shiva). Ao aceitar a situação de ser possuído, o feminino ultrapassa a autoconservação da relação primordial com a mãe e é conduzido, através da renúncia, à resolução do medo e sua transformação em êxtase e orgasmo. A comoção orgástica, ainda

que se manifeste no corpo, assume um caráter espiritual, especificamente feminino, como experiência do espírito. Fenômeno relacionado ao símbolo da lua na mitologia, diferente da lógica abstrata do espírito masculino-patriarcal.

A fase de auto-renúncia implica o perigo de o feminino tornar-se vítima do masculino, ou de não poder diferenciar-se. Pelo contrário, identifica-se com ele, acarretando a inimizade da Grande Mãe, em seu aspecto negativo. Quando o feminino é dominado pelo uróboro patriarcal, permanece em servidão ao espírito e tão alienado de si mesmo que perde a relação com a sua feminilidade, inclusive com seu corpo.

A atuação do uróboro negativo como espírito fascinante, configura a filha do “pai eterno”. O espiritual transpessoal, ao qual o feminino vincula-se, também pode surgir personalizado em um grande homem, conduzindo a mulher a viver sua vida como anima de um homem, como inspiradora, o que significa a perda de sua individualidade. Pode, inclusive, tornar-se estéril, porque se desconecta de seu lado sombrio e fértil da terra.

A possessão pelo animus também explica o não poder diferenciar-se do masculino: o feminino torna-se vítima da tendência à relação de identificação, e se aliena da própria natureza, à medida que sobredesenvolve o lado masculino. A fixação no uróboro patriarcal pode significar um entrave à relação mulher-homem, no sentido de que basta o homem pessoal.

Enfim, a sociedade patriarcal caracteriza-se pela dominância dos valores masculinos em oposição aos do feminino, além da máxima repressão possível do inconsciente.

Por outro lado, para a possibilidade de um encontro caracterizado por uma relação individual, de amor, entre masculino e feminino, é necessária a integração anima-animus.

A pré-formação arquetípica dessa situação amorosa individual manifesta-se no mito de Amor e Psique. No encontro masculino e feminino, as estruturas consciente e inconsciente relacionam-se como totalidade. Não obstante isto acompanhe todo o desenvolvimento humano, é na metanóia que adquire maior emergência. Em outras palavras, surge intrapsiquicamente, na conscientização, a relação do masculino com seu próprio feminino e do feminino com seu próprio masculino. O que, muitas vezes, pode provocar rupturas em reações conjugais, pois requer tolerância mútua.

A assimilação do lado feminino, pelo homem, integra seu processo de individuação, que pode revestir-se de sofrimento, pela projeção dos traços femininos de sua personalidade na mulher. E a cultura patriarcal não estimula este processo, o que constitui uma diferença, se o comparamos à assimilação do lado animus/masculino pela mulher. Nela, entretanto, o processo não ocorre. Espera-se que cumpra os papéis masculino e feminino ao mesmo tempo.

No decorrer do processo de individuação, principalmente na segunda metade da vida na metanóia, masculino e feminino podem superar a consciência patriarcal e vivifica-se a consciência matriarcal.

Segundo Neumann, a consciência matriarcal domina onde a consciência ainda não está – ou não está mais – patriarcalmente liberada do inconsciente. Isso ocorre nos primórdios da história do homem, na infância e nos processos criativos da individuação.

“Não se pode esquecer que o criativo, em sua essência, está relacionado com a consciência matriarcal, pois não é a consciência, mas o inconsciente que é criativo, e porque toda realização criativa pressupõe todas as posturas de gravidez e de relação que reconhecemos como consciência matriarcal.” (p.96)

A realização cultural da pessoa criativa sempre representa uma síntese da consciência receptiva-contingente-matriarcal e da consciência realizadora-patriarcal.

O feminino, no transcorrer da individuação, retrai-se da relação com o parceiro externo, a fim de experimentar, em um nível superior, as instâncias internas, às quais precisou renunciar no início do seu desenvolvimento. As mesmas constelações arquetípicas - símbolos e conteúdos - são reativadas, agora em função da personalidade total, de um desenvolvimento que tem seu centro não mais no ego, mas no Self, como centro da psique unida.

Em síntese, as instâncias psíquicas, no início vivenciadas fora, no formato de projeções, tornam-se conscientes internamente, propiciando integração animus-anima, seja no homem ou na mulher. O resultado é uma integração e experiência do Self.



Referências Bibliográficas

- GALBACH. M.R. *Aprendendo com os sonhos* - São Paulo: Paulus, 2000
- JUNG C. G. *The Psychology of Kundalini Yoga Notes of the seminar given in 1932*. Princeton University Press.
- Feuerstein, G. *Yoga: The Technology of Ecstasy*.
- Johari, Harish. *Chakras. Energy Center of Transformation*. Rochester (Vermont, USA): Destiny Books, 2000.
- Jung, C. *Mysterium Coniunctionis*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- Jung, C. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- Jung, C. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Jung, C. *The Psychology of Kundalini Yoga*. Princeton: Princeton University
- NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Cultrix, 1995.

O Amor, Revelação do Divino no Humano

Ivo Storniolo¹

Resumo

O mistério do amor revela o ser de Deus e o ser do Homem, pois o Homem é "imagem e semelhança de Deus" (Gênesis 1,26-27). O amor a Deus, único Absoluto, liberta o homem da teomania e o abre para relações novas e justas, consigo mesmo, com o outro, com a Natureza e com o Universo. Na experiência do amor está a maior experiência possível de Deus e também a maior experiência possível do humano. O amor é o mistério que suscita continuamente liberdade e vida.

Palavras-chave: amor, Deus, Homem, revelação, liberdade, vida, processo, ética, mística.

¹ Ivo Storniolo, 63, é sacerdote católico da Diocese de São Carlos do Pinhal, radicado em São Paulo, capital. Formado em Filosofia e Teologia, é Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Foi professor de exegese do Antigo e do Novo Testamentos em São Paulo e Campinas, bem como assistente de editor para a Bíblia e a Psicologia de Jung junto à Paulus Editora, em São Paulo. Atualmente se dedica a escrever, à tradução e à hermenêutica produtiva de novas perspectivas na leitura dos textos bíblicos. E-mail: ivost@uol.com.br

AMOR, DEUS, HOMEM... três realidades que escapam a qualquer conceito e, portanto, a qualquer forma de linguagem lógica. Com isso, queremos apontar para os limites de qualquer discurso, principalmente o teológico e o científico, que pretendesse, de uma vez por todas, encerrar ou esgotar essas três realidades. Elas existem, de fato, mas para além de qualquer discurso racional. Por isso, talvez as pessoas mais indicadas para falar de tais realidades sejam os poetas e os místicos; melhor ainda, os poetas-místicos, os únicos capazes da coragem de ultrapassar os limites conhecidos e se aventurar na escuridão luminosa do Mistério. Como não sou poeta nem místico, tentarei apenas citar o que alguns deles dizem. E, fixando limites, vou me ater à Bíblia, ou seja, as Escrituras do Judaísmo – a Bíblia Hebraica – e as Escrituras do Cristianismo, o Novo Testamento. O motivo da escolha é o fato de a Bíblia – ou, digamos, o fermento israelita-judaico-cristão, através da cultura grega e do direito romano – ter formado a base da cultura ocidental, como sabemos. Procedo, porém, fazendo um caminho cronologicamente inverso, do fim para o começo e do geral para o particular – escavando, em busca da herança que recebemos. Compreendamos nossa herança ocidental. Depois, talvez possamos imaginar o que é possível fazer com ela.

Os últimos escritos da Bíblia cristã formam a chamada “literatura de João” (que engloba o 4º evangelho, três cartas e o livro do Apocalipse). Interessa-nos aqui a primeira carta de João. Ela foi escrita em tempo de turbulência e confusão religiosa. Diante do gnosticismo asiático e de seu propalado *conhecimento do divino*, os cristãos, confusos, se perguntavam por critérios: “O que significa conhecer a Deus?”, “O que significa ser cristão?”, “Estaríamos no caminho certo?” Respondendo a essas perguntas, a certa altura de sua carta, João diz: *“Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus. E todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor”* (1 João 4,7-8).¹

Deus é amor... Essas palavras surpreendentes são a última coisa que a Bíblia afirma diretamente sobre Deus. Nunca se dissera antes algo tão belo de Deus, nem algo tão importante do amor. Será que também estaria certa a inversão, ou seja, dizer que “o amor é Deus”? João não diz isso, mas afirma que “o amor vem de Deus”. Em outras palavras, a *fonte do amor* não é o ego humano, mas é Deus, o próprio ser de Deus; ou seja, no amor, sempre há uma revelação de Deus ou, melhor ainda, um des-velamento da intimidade de Deus. No amor humano Deus se revela, desvelando seu mais íntimo ser. E João afirma: *“todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus”*. Isso é muito radical: João não caracteriza esse “todo aquele que” – não diz se é um cristão, ou judeu, ou muçulmano, ou qualquer outro adepto de qualquer religião institucional, ou de nenhuma. Ele vai além de todas as fronteiras: “todo aquele que” significa, de fato, *todos e qualquer um*. A consequência, portanto, é inaudita: o *critério supremo de ser filho de Deus e de conhecer a Deus é o amor expresso em prática*, ou seja, em atos concretos, expressos pela dinâmica do verbo amar. Esta é a parte positiva da exposição de João.

Temos também a parte negativa: “*Quem não ama, não conhece a Deus*”. E o critério, então, se torna completo. João também não especifica esse “quem”; o *quem*, sem dúvida, é *qualquer um que não ame*. Imaginemos as consequências disso: até o maior dos teólogos, *se não amar*, não conhecerá a Deus, e sua ciência sobre Deus nada significará; por outro lado, *qualquer um que ama* – ainda que sem teologia, ainda que não seja adepto de qualquer instituição religiosa – esse, de fato, *nasceu de Deus e conhece a*

Deus. João propõe esse critério radical como resposta às perguntas que as comunidades cristãs daquele tempo lhe faziam.

De minha parte, eu diria que esse é o critério pelo qual devemos ler toda a Bíblia, tanto a cristã como a judaica. Esse critério fornece a óptica, não talvez para entender ou compreender, mas para aceitar e responder. Por exemplo, João diz: “Deus é amor”. Todavia, de qual amor se trata? Ele diz muito, mas não especifica nada. Poderíamos, então, entender: “toda e qualquer forma de amor”? Sim, sem dúvida: *toda e qualquer forma de amor vem de Deus, ou seja, tem sua fonte última em Deus.* João confia em nossa sinceridade e verdade: nós sabemos muito bem distinguir o que é e o que não é amor. O fundamental, porém, é que o *amor é um mistério que nasce do mistério do próprio Deus.* Por isso, o amor sempre é sagrado, é divino. E, caso duvidemos de nossos amores, temos a psicologia para mostrar o *motivo* de nossas angústias, desesperos, ciúmes, invejas, enfim, de toda a confusão que geralmente reina em nossa vida. No fundo, nossos problemas todos se devem a uma ausência de amor ou a uma disfunção do amor. Todo psicoterapeuta sabe disso.

Continuando sua carta, João especifica para os cristãos o que ele acaba de dizer. Nós, porém, vamos saltar daqui para o 4º evangelho, também do mesmo autor. Numa passagem programática, o evangelista afirma: *“Deus amou de tal forma o mundo, que entregou seu Filho único, para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha a vida eterna. De fato, Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele. Quem acredita nele, não está condenado; quem não acredita, já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus. O julgamento é este: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque suas ações eram más. Quem pratica o mal, tem ódio da luz, e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam desmascaradas. Mas, quem age conforme a verdade, se aproxima da luz, para que suas ações sejam vistas, porque são feitas como Deus quer”* (João 3,16-21).

Nesse texto denso, dirigido aos cristãos, João salienta o dom total de Deus: ele entregou seu Filho *único* para que a humanidade tenha a vida. Jesus, portanto, é a expressão total da realidade do “Deus é amor”. A pessoa de Jesus expressa, histórica e concretamente, esse amor, e isso inaugura o critério do julgamento da humanidade. Entendamos bem. Quando se fala de julgamento na Bíblia, não se pensa no tribunal que condena, conforme nosso imaginário comum. Pensa-se, de fato, naquilo que acontece no tribunal, ou seja, a *manifestação da verdade*. Em outras palavras, a pessoa de Jesus, como expressão do amor de Deus, é a manifestação da verdade, a verdade de que “Deus é amor”. Jesus, portanto, se torna o espelho em que nos refletimos e, diante desse espelho, vemos nossa própria imagem e *temos de reconhecer a nossa verdade*. Ou seja: Amamos? Não amamos? Se amarmos, coincidiremos com a expressão de Jesus, ou seja, *teremos nascido de Deus e conheceremos a Deus*. Se amarmos, teremos a vida autêntica, ou eterna, que é a vida *“como Deus quer”*. Se não amarmos, porém, teremos o contrário: não teremos nascido de Deus nem conheceremos a Deus, nem teremos a vida autêntica. Esse é o julgamento que manifesta a verdade de cada um.

Saltemos, porém, para outra passagem do 4º evangelho. Pressentindo a proximidade da morte, Jesus deixa aos discípulos o que o evangelista chama de “novo mandamento”: *“Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu ameí vocês, vocês devem se amar uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos”* (João 13,34s). À luz do texto anterior, podemos compreender essa espécie de *imperativo*

categórico para os cristãos: *Ame como Jesus amou!* Jesus é a expressão do amor de Deus pelo mundo, e ele expressa esse amor concretamente, até a morte, entregando sua vida para que a humanidade tenha vida. Os cristãos, para serem reconhecidos como discípulos de Jesus, deverão obedecer a esse imperativo categórico: amar uns aos outros sem qualquer limite; o limite é a morte, ou seja, dar a vida como supremo testemunho do amor.

Estamos em terreno cristão. Todavia, nem o Evangelho deve ser entendido como um “escrito secreto”, nem os cristãos como uma espécie de “tribo secreta”. Ser cristão não significa pertencer a alguma seita, mas ser aberto para todos, independente de qualquer raça, cor, língua, classe social ou religião. Para compreendermos isso melhor, precisamos dar outro salto. Agora para os três primeiros evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas), nos quais encontramos uma passagem chamada de “o duplo mandamento”. Tomemos o evangelho de Lucas, que corresponde a uma forma já avançada da tradição cristã.

Nesse evangelho, encontramos o duplo mandamento em um encontro entre um *legista* e Jesus. Não confundam com “médico legista”. Trata-se de um jurista, especialista em leis, tanto civis como religiosas. O legista queria *tentar* a Jesus, ou seja, flagrar Jesus em um deslize religioso-ético. Então perguntou: “*Mestre, o que devo fazer para receber em herança a vida eterna?*” Jesus lhe disse: “*O que está escrito na Lei? Como você lê?*” Então ele respondeu: “*Ame o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua força e com toda a sua mente; e ao seu próximo como a si mesmo*”. Jesus lhe disse: “*Você respondeu certo. Faça isso, e viverá!*” (Lucas 10,25-27).

A passagem é importante. O legista já sabia a resposta para sua própria pergunta. Ele quer saber se Jesus sabe. Mas Jesus é irônico, fazendo o próprio legista responder, e depois acrescenta a importância da *prática* sobre a teoria: “*Faça isso, e viverá!*” Notemos o *imperativo categórico*. O mais importante não é saber, mas fazer. Isso mostra que Jesus não veio trazer uma novidade teórica. A novidade está na prática, e consiste em obedecer concretamente àquilo que se sabe. Conhecimento religioso-ético sem prática concreta é inútil.

Examinemos, agora, o assim chamado duplo mandamento: a primeira parte é uma citação do texto central do livro do Deuteronômio 6,5. É o início da *Shemá*, a grande oração diária de todo judeu, até hoje. De passagem, digamos que esse livro é o projeto de uma sociedade em aliança com Deus. Nessa aliança, o mais importante é “*Amar a Deus acima de tudo*”, ou seja, “*com todo o coração, com toda a alma e com toda a força*”. Lucas ainda acrescenta “*com toda a mente*”, porque deseja salientar a importância de *compreender bem* isso. A insistência na totalidade e na exclusividade implica o reconhecimento profundo de Deus como único absoluto acima da humanidade. Uma nova sociedade só é possível quando há o reconhecimento de que o único absoluto é Deus. Tudo o mais é relativo, ou seja, depende de relações eqüitativas, relações entre iguais. Podemos dizer, então, que não existe um corte mais radical de qualquer “teomania”, ou melhor, de qualquer “inflação humana egóica”, que é a raiz de qualquer poder absoluto ou totalitário. Esse é o primeiro mandamento. Ele é o passo imprescindível para a formação de uma sociedade igualitária e fraterna.

Mas o evangelista salienta logo um segundo mandamento, sem chamá-lo de segundo. Ao “amarás a Deus” ele acrescenta: “*e ao seu próximo como a si mesmo*”. Isso também não é novidade, mas simples citação do livro do Levítico 19,18. Juntando essa parte à anterior, por meio da conjunção “e” e sob a

regência do mesmo verbo, o evangelista mostra que ela é tão importante quanto a primeira parte, ou seja, “*amar ao próximo como a si mesmo*” é tão importante quanto “*amar o Senhor, seu Deus, com todo o coração, alma, força e mente...*” E por que? Sem dúvida, para eliminar qualquer escapatória, ou seja, amar a Deus sem amar ao próximo, ou amar ao próximo sem amar a Deus. Na primeira forma, teríamos uma incoerência; na segunda, teríamos a impossibilidade, porque, conforme diz João, todo amor *vem de Deus*. Esses dois mandamentos, amarrados tão fortemente que se tornam um só, formam, na verdade, a fonte da *mística* e a fonte da *ética*. Amar a Deus é a *mística* que se traduz concreta e visivelmente na *ética* de amar o próximo. Em outras palavras, não existe *mística* sem *ética*, nem é possível *ética* sem *mística*. Mais um critério para o discernimento religioso e, ao mesmo tempo, econômico, político e social do amor.

Ainda uma observação: olhando com atenção, descobrimos que “*amar o próximo como a si mesmo*” não é propriamente um mandamento, mas um *axioma*, isto é, uma verdade evidente e aceita, sem necessidade de demonstração. Ela consiste no fato de que o tipo de relações que mantemos com o que é *exterior* a nós é reflexo das relações que temos com o *nosso interior*: a relação com o outro espelha a relação que tenho em relação a mim mesmo. A forma axiomática desse mandamento é, portanto, reveladora: se não amo a mim mesmo, também não amarei o meu próximo, e daí por diante: também não conseguirei compreender ou perdoar ou aceitar o outro, pois não faço isso comigo mesmo etc. O que é muito interessante: podemos avaliar o mundo interior de uma pessoa pela observação de como ela se relaciona com o mundo exterior.

Todavia, o importante em Lucas vem agora: “*Mas, o especialista em leis, querendo se justificar, disse a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’*” (Lucas 10,29). Eis a célebre “racionalização”, velha conhecida dos psicoterapeutas. Jesus entrara com o imperativo categórico e prático: “*Faça isso!*” Mas o legista escamoteia, pois deseja delimitar o alcance desse imperativo; isto é, ele quer dar uma identidade precisa a esse próximo que, digamos, “seria digno de que eu o amasse como a mim mesmo”. Notem: o legista está preocupado com a periferia ou fronteira do amor. Não é o que sempre somos tentados a fazer?

Jesus responde indiretamente, contando uma história, e o importante é percebermos que a história envolve o interlocutor e muda a pergunta dele. Conta Jesus: Certo homem desce de Jerusalém para Jericó – sem dúvida um judeu, que teria ido a Jerusalém para alguma festa. Ele é assaltado por ladrões, que o deixam semimorto. Passa por ali um sacerdote, que vê o homem e passa adiante, pelo outro lado. Passa, depois, um levita, que também vê o homem, e passa adiante, pelo outro lado. E, agora, textualmente: “*Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e teve compaixão. Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem em seu próprio animal, e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, pegou duas moedas de prata, e as entregou ao dono da pensão, recomendando: ‘Tome conta dele. Quando eu voltar, vou pagar o que ele tiver gasto a mais’.*” [Agora, a substituição da pergunta.] “*E Jesus perguntou: ‘Na sua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?’ O especialista em leis respondeu: ‘Aquele que praticou misericórdia para com ele’. Então Jesus lhe disse: ‘Vá, e faça a mesma coisa!’*” (Lucas 10,29-35).

O texto é carregado de sentidos. Primeiro, digamos que, curiosamente, ele contém *três filosofias de vida*. A do ladrão é: “o que é teu é meu”. A do sacerdote e do levita é: “o que é meu é meu”. A do samaritano, porém, é: “o que é meu é teu”, ou seja, “eu te amo como a mim mesmo”. Em segundo lugar, a tensão do texto está no fato de um samaritano socorrer um judeu (Jesus usa a técnica da “pegadinha”: o

legista é identificado com a pessoa daquele homem assaltado e semimorto). Naquele tempo, era tradicional e violenta a rixa entre judeus e samaritanos – os judeus chamavam os samaritanos de “porcos sujos”, o animal mais detestado entre eles. Imaginem só: ser socorrido por alguém detestado! Mas, no fundo, é justamente esse alguém que expressa concretamente o amor que “*vem de Deus*”. Em terceiro lugar, vejamos a assimetria dos comportamentos: *ver, passar adiante, pelo outro lado X chegar perto, ver, ter compaixão, aproximar-se*. Isso já desloca a pergunta “quem é o meu próximo?” para a pergunta: “de quem eu me aproximo?” Em quarto lugar, temos a palavra *compaixão*, que desencadeia e explica tudo o que o samaritano faz. *Compaixão* vem do latim *com-pati*, e significa “sofrer junto”. Essa palavra é fundamental para os psicoterapeutas: só é possível compreender alguém quando *sofremos com ele*, ou seja, quando o vínculo ultrapassa a teoria e exige a prática de uma *total empatia*. Por fim, temos a série de atos, totalmente imprevistos, suscitados pela *compaixão*. É que o amor concreto obedece às necessidades do outro, que podem empenhar outros e até o futuro (“*Cuide dele. Quando eu voltar, vou pagar o que ele tiver gasto a mais*”).

Fim da história. Jesus faz, então, a pergunta decisiva: “Qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” O legista não tem escapatória, e tem de reconhecer: “*Aquele que praticou misericórdia para com ele*”. A palavra “misericórdia” retoma a “compaixão”, e tem o mesmo sentido; se entendermos essa palavra como vindo da expressão latina *mittere cor*, ou seja, *enviar o coração*, misericórdia significa enviar o coração até o outro para, de fato, compreender a situação dele. Notemos, porém que, na antropologia semita, o coração não é sede de sentimentos e afetos, e sim a sede da consciência ativa, das idéias e dos projetos – hoje a chamaríamos de “parte consciente” da pessoa. Agir com misericórdia é colocar-se *conscientemente* na situação do outro.

Jesus, portanto, coloca a verdadeira questão, mostrando que o amor verdadeiro jamais pergunta “quem é o meu próximo?”, mas interpela o próprio sujeito: “Você ama, *na prática?*”, “Você se aproxima, *de fato?*” Em outras palavras, *o verdadeiro amor é centro que se irradia, sem limites ou fronteiras, sem se perguntar quem é ou não é digno de amor*. O amor vem do centro de si mesmo, e não depende das periferias ou das fronteiras do ego.

E, por falar de fronteiras, saltemos agora para o evangelho de Mateus, no antológico texto do Sermão da Montanha (Mateus 5,43-48). Na última das seis antíteses, Jesus diz: “*Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo, e odeie o seu inimigo!’ Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês!*” Notemos que a primeira parte vem do Levítico 19,18; mas em nenhum lugar da Bíblia se ordena odiar o inimigo. Isso é pura dedução de nossa lógica egóica. O texto mostra bem o motivo desse imperativo: Deus envia sol e chuva a justos e injustos... Se vocês amam somente aqueles que os amam... e se cumprimentam somente seus irmãos... vocês estão simplesmente praticando comércio, como qualquer um que não conhece a Deus. E agora temos *o mais radical dos imperativos*: “*Sejam íntegros, como é íntegro o Pai de vocês que está no céu!*”. Notem que troquei o termo mais usual “perfeito” por “íntegro”, porque o termo grego *téleios* [que corresponde à raiz semita *tam*] não significa perfeição, mas completude, inteireza, integridade. O evangelho não pede a ninguém uma perfeição impossível ou unilateral, mas a busca da inteireza, da integridade. Para o amor de Deus não existem fronteiras ou divisões. Isso, portanto, questiona todos os tipos de fronteiras e de divisórias que construímos, principalmente as invisíveis mas resistentes muralhas de nossos preconceitos.

Falamos até agora de critérios que levam ao discernimento do amor e do imperativo do amor. Isso, porém, levanta uma questão, que já deve estar rondando em nossas mentes. Em nome de qual princípio fundamental teríamos a injunção: “Deus ama e, portanto, *também nós devemos amar*”? A busca desse princípio exige um novo salto, desta vez para as primeiras páginas da Bíblia, para o início do livro do Gênesis. Nesse livro temos dois relatos da criação, e aqui nos interessa o primeiro deles.

O relato se encontra no primeiro capítulo do Gênesis, mais os primeiros quatro versículos do capítulo segundo. Ao contrário do que se pensa em uma leitura fundamentalista, esse relato não descreve a criação a partir de um início absoluto do universo. O texto nasceu, de fato, durante o exílio dos judeus na Babilônia (séc. VI a.C.), ou logo depois da repatriação dos exilados (538 a.C.). Escrito pelos sacerdotes, o texto mostra para os repatriados a nova situação, o novo ponto de partida de uma vida que voltava do “caos do exílio” para um novo “princípio” na terra de Judá. O relato apresenta, portanto, as bases de uma nova consciência, ou seja, ele é o termômetro que mostra a nova realidade dos exilados. Com o exílio, eles haviam perdido as bases de sua nação – Jerusalém, o Templo, o governo do Rei, e toda a classe detentora dos meios de produção da sociedade judaíta. Esse foi o caos real, histórico, a “terra informe e vazia”. Agora, depois da repatriação decretada por Ciro – o rei persa que derrotara a Babilônia – o que se devia fazer? Sobre quais bases construir um novo futuro? É a isso que o relato procura responder.

Sem delongas, porém, vamos ao ponto mais significativo do relato. Em forma de poema escalonado pelo tema da semana, os cinco primeiros dias apresentam o plano do universo e da natureza. Tudo está em ordem, em seu devido lugar. No sexto dia são criados os seres vivos e, entre eles, a humanidade, o homem e a mulher. Nesse ponto culminante, Deus diz: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança... E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher*” (Gênesis 1,26-27).

O texto é solene. Ele mostra o ponto central, talvez a afirmação teológica e antropológica mais fundamental de toda a Bíblia: *a Humanidade – homem e mulher – é imagem e semelhança do próprio Deus*. Os horizontes, agora, se abrem, ou melhor, se escancaram. O que chamamos de “ciência de Deus”, ou Teologia, pode começar falando de Deus; ao mesmo tempo, contudo, fala também do homem. A Teologia leva à Antropologia e às assim chamadas “ciências humanas”. Por outro lado, a Antropologia – com todas “as ciências humanas” – pode começar falando homem, mas, ao mesmo tempo, acaba falando de Deus, ou seja, chega aos horizontes de uma Teologia.

O tema do “homem-imagem de Deus”, portanto, abre discursos para horizontes sucessivos, discursos que jamais poderão se fechar ou chegar a uma conclusão adequada. A identidade última de cada ser humano, sua vocação própria, é revelar e desvelar o divino, ou melhor, ser *imagem* ou *reflexo* da divindade. Nesse processo, o homem, ao descobrir o mistério de si mesmo, descobre também o próprio mistério de Deus. Por outro lado, o próprio Deus só será plenamente revelado e conhecido quando toda a humanidade, de fato, refletir o mistério inconcebível e inefável do próprio Deus, compondo um mosaico multifacetado de espelhos que refletem a Deus. Isso tudo nos diz muito sobre a importância e sobre o valor de todo e qualquer ser humano, esteja ele na condição ou no grau de desenvolvimento de consciência em que estiver. Cada um é um pequeno espelho, e cada um, portanto, tem seu papel no grande mosaico. É dentro dessa visão maior que todo psicoterapeuta poderá “ver” o ser da pessoa que lhe

abre sua alma, e avaliar o que implica escutar, analisar e compreender esse ser com essa inimaginável significação. Quanta responsabilidade!

A melhor imagem de Deus é, portanto, a própria humanidade. Isso levou Abraham Heschel, grande filósofo e teólogo judeu, a dizer que, no exílio, havia tantas imagens de Deus quantos eram os judeus exilados. Também entendemos o motivo da proibição das imagens em Israel. É verdade que todos os seres, também, são *imagens* reveladoras do divino. Mas a imagem mais nítida e definitiva é o homem, ou melhor, a humanidade. Vejamos agora a simplicidade e a profundidade com que Clarice Lispector fala do ser humano, quando diz: “A intimidade humana vai tão longe que seus últimos passos já se confundem com os primeiros passos do que chamamos de Deus” (Crônica no Jornal do Brasil em 24 – 02 – 1968). Quem é Clarice? Romancista ou teóloga?

Vale lembrarmos aqui o que diz um antigo hino, anterior a todos os escritos do Novo Testamento, e que é citado por Paulo na carta aos cristãos de Colossas. Ao falar de Jesus, Paulo cita o hino, dizendo: “Ele [Jesus] é a *imagem do Deus invisível*” (Colossenses 1,15). Ou seja, é na visibilidade da *humanidade* de Jesus que o Deus *invisível* se tornou *visível*. Por conseguinte, Jesus revela a Deus não por ser o eterno e divino Filho de Deus, mas por ser *simples e plenamente humano*. Em Jesus, o processo de humanização se realizou concreta e totalmente. Jesus se tornou, então, a figura do *homem escatológico*, ou seja, o *homem final*, o horizonte ou a meta para a qual toda a humanidade caminha.

Será? Todos nós sabemos que a humanidade é isso, mas também sabemos que ela ainda não realiza o que ela é. Todo psicólogo das profundidades sabe que o homem é apenas 5 a 10 % consciente, e ainda 90 a 95 % inconsciente. A esse movimento de tornar-se consciente podemos dar o nome de *história da humanidade*, ou melhor, do processamento da humanidade do ser humano. Cheia de falhas e tropeços, ela é, no fundo, uma história da busca da identidade e da realização última do ser humano. Essa busca, porém, se perde no horizonte, porque o limite dela é o próprio Deus, ou seja, essa busca não tem nem pode ter quaisquer limites. Não adianta confundirmos nossa identidade última com “inflações do ego”, ou melhor, com “teomanias do ego”. O caminho do homem é pôr seu ego em busca do fundo, do centro e do todo de sua identidade última, em busca do Si-mesmo, que significa ser, não propriamente Deus, mas “imagem e semelhança” do próprio Deus.

E aqui temos o princípio radical que procurávamos: *Tal Deus, tal homem*. Simples. O ser próprio do homem é e se realiza à medida que ele se torna “imagem de Deus”; ou, melhor, quando o homem permite, na sua liberdade consciente, que Deus se revele através de seu pensamento, de sua palavra e de sua ação, isto é, do todo de sua vida. E qual seria a dinâmica dessa revelação? “*Deus é amor*”, diz João. Portanto, como imagem e semelhança desse Deus, devemos dizer que a realidade última do ser humano também é ser o “*Homem é amor*”. A história humana, no fundo, é formada pelas vicissitudes e peripécias do amor ou desamor. Nossas maiores conquistas e vitórias são as do amor, e todos os nossos erros e derrotas também são os do amor. Portanto, nossas feridas são, todas elas, também feridas de amor. Todo psicoterapeuta testemunha isso.

Todavia, o conhecimento de Deus não é uma teoria, mas nasce de uma experiência. Também na época do pós-exílio surge um dos menores mas, talvez, um dos mais curiosos livros da Bíblia: o *Cântico dos Cânticos* – ou, traduzindo o superlativo hebraico, *O mais belo cântico*. É um livro curto e simples, formado por canções populares que celebram o amor humano, o amor entre um homem e uma mulher –

algo comum, que acontece na vida de todos. As canções são eróticas, sensuais, com insinuações sexuais indubitáveis e carregadas. Pois bem, no ponto culminante do livro, a amada exclama, extasiada, a seu amado: *“Grave-me, como selo em seu coração, como selo em seu braço; pois o amor é forte, é como a morte! Cruel como o abismo é a paixão. Suas chamas são chamas de fogo, uma faísca de Javé!”* (Cântico 8,6).

Eis aí: o amor humano é *uma faísca de Javé!* Ou seja, a maior e a mais misteriosa experiência do humano é – também e ao mesmo tempo – a maior experiência do próprio Deus. Por quê? Porque *“Deus é amor”*, diz João. E esse amor inclui em si todo o ritual amoroso: Falo, Eros, Filia, Ágape... Em outras palavras, *“Deus é Amor”* significa, de fato, que Deus é sumamente fálico, erótico, fílico, agápico. E, por isso mesmo, Deus é o Supremo Criador. Em Deus, digamos psicologicamente, os opostos geradores coincidem de forma total. O *“Deus é Amor”* se manifesta – conforme já dizia Nicolau de Cusa –, como *total coincidência dos opostos*. Por conseguinte, também devemos dizer que, como imagem e semelhança de Deus, o homem é e ainda não é o que ele é; e, por isso, deve sempre caminhar para esse horizonte da total coincidência dos opostos, ou seja, para a suprema criatividade da vida.

Todavia, depois de afirmar que o amor humano é *“uma faísca de Javé”*, a amada acrescenta duas coisas importantes. Primeiro, ela diz que *“as águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo”* (Cântico 8,7). A torrente, ou abismo, é o mar tempestuoso do caos, também chamado em Israel de *“grandes águas”*. Já dissemos que o caos, para os judeus, foi o exílio na Babilônia. Que bela mensagem: o exílio pôde destruir a nação inteira, mas não conseguiu destruir o amor! Isso revela a força invencível do amor: nem o grande caos econômico, político e social do imperialismo pôde [ou pode] destruir o amor. Muito menos o poderão afogar os rios, os pequenos *“caos”* dos conflitos quotidianos. O amor, no fundo, é força onipotente e vitoriosa, pois ele *vem de Deus*. Em segundo lugar, a amada diz: *“Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor... seria tratado com desprezo”*. Outra afirmação radical, e hoje importantíssima: o amor não é comercializável. A onipotência atual do mercado globalizado pode querer comercializar tudo, mas não consegue vender ou comprar o amor; aliás, nem o amor entre um homem e uma mulher nem qualquer outra forma do amor: amor paterno, materno, filial, fraterno, amizade, solidariedade, honra, compaixão, misericórdia... É verdade que o mercado propõe tudo isso de forma objetivada, coisificada; tais coisas, porém, não são jóias verdadeiras; são quinquilharias – coisas que, como diz a amada, merecem desprezo. O amor, que *vem de Deus* – pensemos bem –, também é capaz de enfrentar e de derrotar o mercado consumista!

Uma observação, contudo. Ao dizer que Deus é a raiz última da sensualidade, do erotismo, da filia ou amizade, do fálico e do agápico, eu poderia dar a impressão de uma espécie de *“vale tudo”*. Será que vale tudo mesmo? Fernando Pessoa diz que *“tudo vale a pena, se a alma não é pequena”*. Bem colocado! Melhor ainda o que diz Agostinho de Hipona: *“Ame, e faça o que você quiser”*. Tanto Fernando Pessoa como Agostinho colocam *critérios*: *“se a alma não é pequena”*, diz Fernando; primeiro, *“ame”*, diz Agostinho. A alma e o amor têm seus próprios critérios, seus próprios caminhos e seu próprio discernimento, e seria um grande engano ignorá-los.

A Bíblia fala desses critérios? Sem dúvida. Encontramos esses critérios no momento fundador do próprio povo de Israel, que é também o centro teológico de toda a Bíblia: o relato do *êxodo do Egito para a Terra Prometida*. O relato se encontra nos livros do Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio e Josué. O texto central, no livro do Êxodo, diz: *“Javé disse [a Moisés]: ‘Eu vi muito bem a miséria do meu povo que*

está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel...” (Êxodo 3,7-8).

Gostaria de salientar três coisas. Primeiro, lembremos que Javé, o Deus do êxodo, segundo João é o “Deus é Amor”. Em segundo lugar, notemos a simetria entre o comportamento de Deus nesse texto e o comportamento do samaritano da parábola: *ver*, [compa]-*descer*, *libertar de/para*. Em terceiro lugar, o relato revela e desvela o que o amor de Deus realiza no momento fundador da história de Israel e, também, digamos nós, no fundo de cada ser humano: *libertar do poder para a vida*. Javé *liberta* o povo do *poder do ego inflado do Egito*, ou seja, do modo de produção tributária, que espoliava os camponeses até que lhes restasse apenas a miséria e a força de trabalho. *Libertar de*, porém, é apenas o primeiro passo decisivo. O segundo passo é: *libertar para*. Javé *liberta para* a terra onde corre leite e mel, ou seja, a Terra Prometida. Essa Terra é, de fato, sinônimo de *Vida*, pois o modo de produção da sociedade israelita daquele tempo era eminentemente agrícola e pastoril. Em outras palavras, sem Terra não há Vida.

E assim, temos, em essência, o critério máximo do amor: *o amor liberta do poder para a vida*. Diante disso, podemos examinar nossos amores e, também, todo o cortejo dos fenômenos do amor. O amor sempre abre um leque de promessas e de possibilidades. No fundo, porém, o critério questiona: Esse amor *liberta*? Esse amor leva a viver mais e melhor? À luz desse critério podemos entender melhor Fernando, e o que significa a condicional “se a alma não é pequena”. Também podemos entender melhor Agostinho e sua premissa: “Ame... e [depois] faça o que você quiser”. Jung diria algo diferente? Penso que não. Em sua autobiografia póstuma, ele afirma que “o núcleo de todo ciúme é uma falta de amor”.² Sem dúvida, porque o ciúme tem, no mais fundo de si, o espírito de posse, de propriedade, isto é, o espírito do poder. O poder é o oposto do amor. O verdadeiro amor é, na verdade, libertação desse poder do ego, que se revela como posse disfarçada em ciúme. Uma realidade que todos nós conhecemos.

Terminando, eu gostaria de afirmar que o amor é a maior força de Deus. Deus tem o poder absoluto – e isso é próprio da essência divina. Mas, curiosamente, o Deus bíblico não usa seu poder. Ou melhor, talvez Ele o use para conduzir o Universo. Quanto a nós, porém, Deus renuncia ao poder, em troca do amor. Deus prefere nos seduzir. Rabindranath Tagore sempre salientou que o universo e a história em que vivemos é um imenso jogo do amor de Deus, que nos seduz, a fim de que respondamos, entrando no jogo. O amor, porém, nunca se impõe; ele apenas se insinua, se esconde e se disfarça, seduzindo-nos a procurá-lo. Onde procurar a Deus? Deixo a pergunta em aberto. A resposta vem de todos e de cada um. A todos nós cabe, porém, nos desarmarmos, procurarmos a Deus no amor e com amor, e nos entregarmos inteiramente, para viver um amor que, não tenhamos dúvida, pode vencer todos os obstáculos, e criar o mundo verdadeiramente humano.

Notas

1. Todas as citações bíblicas foram tiradas de “BÍBLIA SAGRADA – Edição Pastoral”. Paulus Editora, São Paulo, 2007.
2. Cf. C. G. JUNG, *Memórias, sonhos, reflexões*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989¹², p. 125.

Artigos de Opinião

O Tempo e o Amor

Mônica Guttmann¹

Não existe idade nem tempo para o amor, pois saber amar é uma vocação ou aprendizado da alma. Existem muitas maneiras de amar pois o amor pode alcançar várias dimensões e formatos.

Uma criança pode saber amar tanto ou mais intensamente que um adulto, pois isto depende principalmente de sua capacidade de entrega. Mas a medida que crescemos, nossos conflitos e pensamentos ambíguos vão nos distanciando desta entrega essencial e muitas vezes nos perdemos da verdadeira natureza das relações.

O amor é entrega, assim como também está ligado aos longos aprendizados que nascem das histórias de vida de cada um. É um sentimento amplo, sem forma, que irradia calor e luz para quem o sente e para quem o recebe. Está aí para quem se permite ou consegue alcançá-lo ou conectá-lo. O amor é uma conexão com o sentimento máximo e mais evoluído da existência humana.

Mas o amor não é estático e é avesso aos apegos, teorias, racionalizações e apropriações.

Não pode ser tocado, modelado, manipulado, dirigido. Ele simplesmente expande o coração de quem o sente, transcendendo o ego em sua quente transparência.

Mas nem todos nós sabemos alcançar o amor.

Nem todos nós estamos preparados para ele.

Saber amar implica em abrir o coração sem medo do futuro, da perda, do retorno.

Saber amar é desejar a felicidade do outro tanto quanto a sua própria.

Saber amar ao outro é saber amar a si mesmo, não tem jeito de ser diferente.

Muitos casais tem o privilégio e a sabedoria de envelhecerem juntos se amando.

É claro que este amor passa por ciclos e fases, mas é nutrido e abençoado a cada instante pelo tempo, cumplicidade e pelos desafios oferecidos pela vida.

¹ Mônica Guttmann é psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com especializações em arteterapia e arte - educação. Há mais de 10 anos atua como professora do Depto de arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. É professora convidada do curso de Psicopedagogia da PUC(SP), do curso de Arteterapia (Unip) e INPG. Como psicóloga e arte terapeuta, atende crianças, adolescentes, adultos e famílias. Tem 12 livros publicados para crianças e alguns capítulos em livros de educação, arteterapia e psicologia. Escreve artigos, contos e poesias para jornais e revistas, além de ministrar cursos e workshops de Psicologia, arteterapia e criação literária. Trabalha na criação de materiais lúdicos e pedagógicos para escolas e desenvolve regularmente workshops, palestras e oficinas temáticas no Brasil e no exterior. Oferece supervisão para psicólogos, pedagogos, estudantes de psicologia e profissionais da área de saúde.

Quando um casal consegue envelhecer se amando , mesmo com todas as neuroses e dependências que acabam fazendo parte e sendo ingredientes deste amor , escrevem uma história comum. O tempo é o grande tempero e mestre deste amor .

Nem todos os casais envelhecem juntos com sabedoria e amor . Sabemos que também existem aqueles que anulam-se ou adoecem seu corpo e suas vidas por não terem tido a coragem de buscar outras possibilidades de relacionamento e amor .

Mas estamos falando de amor e não de dependência ou medo .

O amor não prende , não escraviza , não aperta . O amor não consegue conceber o sofrimento do outro .

Existem também , aquelas pessoas que envelhecem solteiras , viúvas ou que encontram novos relacionamentos depois de idosos . O amor não tem idade , nem sexo . O amor é uma vocação que exige paciência , humildade e aprendizado .

Nascemos com vocação para amar , mas nem todos desenvolvemos esta possibilidade em função daquilo que recebemos ou da vida que construímos . Algumas pessoas conseguem superar a falta de amor que tiveram na infância , elaboram suas necessidades e buscam desenvolver sua capacidade de amar aprendendo com aqueles que escolhem como parceiros .

Todos nós somos espelhos uns dos outros . E a partir daquilo que podemos ver sobre nós mesmos nas relações que escolhemos , conseguimos crescer ou não . Amar é aprender a respeitar e aceitar no outro aquilo que também não aceitamos em nós mesmos .

Existem aqueles que não aceitam envelhecer , buscando o amor em pessoas mais jovens e atraentes . Muitos deles confundem amor com paixão e sabemos muito bem as diferenças entre um e outro .

O amor é escolha (lapidamos e escolhemos o amor a cada instante) , a paixão nos escolhe (é pura projeção daquilo que desejamos ser) . O amor é como vinho, vai ficando melhor com o tempo e a paixão , em geral , tem tempo limitado . O amor expande o coração , a paixão acelera e muitas vezes aperta o coração . Sofremos por paixão e o amor , em geral , cuida para que não sofram .

Existem pessoas que envelhecem o corpo mas não sua alma .

Continuam amando como os poetas e as crianças .

Existem pessoas que envelhecem seu corpo mas não amadurecem como pessoas . Seguem repetindo velhos padrões e não se preocupam em aprender e transformar aquilo que não está bom . Estas pessoas envelhecem com dificuldade e nunca aprendem a amar , não conhecem o sentimento de entrega .

Toda vez que falo sobre o amor , sinto falta dizer algo que as palavras não alcançam . O amor transcende as palavras ...o amor é mais do que um estado , um sentimento , um mito , um símbolo , um vento mágico soprando felicidade , uma benção divina e humana , um abraço encantado .

São tantas as formas de falarmos sobre o amor e parece que sempre falta algo .

Existem tantas formas de amar ... e cada pessoa tem seu jeito , encontra sua forma , sua possibilidade .

Amar talvez seja como a própria vida , o tempo , o mistério .Estamos sempre tentando compreendê-lo , explicá-lo,conhecê-lo , alcançá-lo ...

Sabemos apenas que amar é maravilhoso .

Amar a vida é uma benção , pois é nela que existem todos os outros possíveis e impossíveis encontros de amor .

Envelhecer amando a vida é um grande privilégio de encontro consigo mesmo e com os outros. Uma resposta sábia de nós mesmos para a vida que construímos e aprendemos .

Envelhecer amando a vida é reflexo do amor que soubemos conhecer e acreditar .

“O Amor no Processo de Envelhecimento”: uma reflexão¹.

Vitor Fragoso²

Partindo da afirmação “o amor no processo de envelhecimento”, procurei orientar a minha reflexão através da auscultação da opinião dos alunos da disciplina de Inteligência Emocional da Universidade Sénior na qual sou professor.

Procurei escutar a “voz do tempo”, tentando compreender como os meus alunos interpretariam a referida afirmação, que relações estabeleceriam com os seus percursos existências e que inter-relações fariam entre Amor, Envelhecimento, Afectividade e Sexualidade.

Escutemos a sua voz: “*só o amor que damos ao longo da vida fortalece em nós a esperança de amor recebermos no Outono da nossa existência. O amor é o tempero da vida desde o nascer ao findar*” (M1, Mulher, 70 anos, casada). M1 realça a importância dos laços afectivos que vamos “entrelaçando” nos encontros e desencontros do percurso existencial de nossas vidas, identificando o amor como o factor de união e fortalecimento da relação inter-humana. Tal como defendia Freud “envelhecemos como vivemos”, M1 refere a necessidade de nutrir o amor ao longo do ciclo de vida, para que o entardecer da vida seja “temperado pelo afecto”. O Amor é simbolicamente representado como o “tempero da vida”. Sabemos que a função do sal é temperar os alimentos e realçar o seu sabor, assim como o sal também o amor acentua o “tempero do afecto” promovendo o encontro afectivo entre os humanos (duas inter-subjectividades).

Continuando a escuta: “*este assunto, não é fácil de reportar; contudo, diz-me a experiência, que o amor continua a estar intimamente ligado à actividade sexual e que este, por razões óbvias, não podendo ser exercido como dantes, tem que estar apoiado no companheirismo, no carinho e sobretudo, no desejo íntimo de agradar à sua companheira, até ao fim da caminhada...*” (H1, Homem, 84 anos, casado). H1 fala-mos da relação entre amor e sexualidade e da necessidade de adaptar a sua expressão (amor/sexualidade) e vivência ao percurso existencial do sénior. O Sénior deve encarar como sadias as práticas amorosas e eróticas na velhice, sendo esta atitude positiva, associada a um sentimento de adesão à vida (Almeida, T; Lourenço, M. L., 2007).

Muitos outros relatos foram recolhidos mas como o espaço de reflexão é limitado fico-me pelos relatos de M1 e H1. No entanto não gostaria de terminar sem me debruçar um pouco sobre a fenomenologia do amor cujos constructos foram expressos em todos os relatos.

Poderemos dizer que a fenomenologia do amor é a busca da compreensão da essência inerente à necessidade de encontro entre humanos, ou seja a compressão do “instinto gregário” e relacional intrínseco à nossa espécie. A compreensão da fenomenologia do amor baseia-se nos eixos antropológicos do ser humano, tempo, espaço, corpo e mundo, notoriamente expressos nos relatos apresentados.

¹ Texto apresentado no Portal do Envelhecimento da PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no Fórum “O Amor no processo de Envelhecimento” <http://www.portaldoenvelhecimento.net/forum/aptv-fev08.htm>

² Psicólogo, Docente na Universidade Sénior Contemporânea (USC) – Portugal. Pós-graduado em Terapia Familiar: intervenção sistémica. Psicólogo Clínico no Instituto de Psicologia e Neuropsicologia do Porto - IPNP. Director e membro do conselho científico da Revista Transdisciplinar de Gerontologia (RTG/USC). Membro da Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica.

Fenomenologicamente amar é aproximar-se, é estar presente é valorizar o outro. Amar é o palco onde *Philia*, *Eros* e *Agapê* se mostram presentes.

Referências Bibliográficas:

Almeida, T. ; Lourenço, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. v. 10 n.1 Rio de Janeiro 2007.

Guimarães Lopes, R. (2006). Psicologia da Pessoa e Elucidação Psicopatológica. Porto: Higiomed Edições.



UNIVERSIDADE SÉNIOR CONTEMPORÂNEA

Aprender muito - Conviver sempre

Conhecer mais - Em Família

<http://usc.no.sapo.pt>

DISCIPLINAS TEÓRICAS

- Iniciação ao Inglês
- Inglês II
- Inteligência Emocional
- História da Cidade e dos Monumentos
Portuenses
- História Universal
- Jornalismo e Actualidade
- Lendas, Provérbios e Ditados Populares

DISCIPLINAS PRÁTICAS

- Iniciação à Informática
- Informática II
- Iniciação à Internet
- Internet II
- Pintura
- Dança
- Teatro e Expressão Dramática
- Poesia
- Hidroginástica
- Chi Kung
- Ginástica

Actividades Extra-Curriculares

- Passeios
- Visitas de Estudo
- Workshops

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO

- Revista Transdisciplinar de Gerontologia
- Palestras

DEPARTAMENTO CULTURAL

- Jornal Actual Sénior (on-line)
- Rádio USC- em Podcast (on-line)
- Galeria Visual dos Alunos de Pintura (on-line)
- Canal de Televisão e Vídeo (online)

USC

Secretaria / salas de aula: Rua Nova do Tronco, 504, 4250-339 Porto
Tlfs: 964 068 452 / 964 756 736 - Correio Electrónico usc@sapo.pt
Horário da Secretaria: Segunda a Sexta-Feira, das 14h 30 às 18h 30